A REVISTA DO HOMEM

SENADOR SATURNINO BRAGA
HERMILO BORBA FILHO
ZIRALDO
RAY BRADBURY
GERALDO FERRAZ
JULES SIEGEL
FERNANDO PESSOA FERREIRA

PERCIVAL DE SOUZA: A CONEXÃO LATINO-AMERICANA DOS TÓXICOS

OS MITOS E A VERDADE DA PARAPSICOLOGIA

MULHER
JAYNE MARIE
A FILHA DE JAYNE MANSFIELD
VERA MANHÃES
POSTER
MALU

EXCLUSIVO: AS LIGAÇÕES ENTRE NIXON, A CIA E HOWARD HUGHES

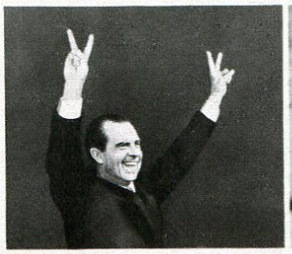
IDI AMIN: "NÃO SOU LOUCO. SEI O QUE ESTOU FAZENDO"

EDITORA ABRIL
ANO II
N.º 14 — Cr$ 20,00
SETEMBRO 1976

Manaus, Santarém, Boa Vista, Macapá, Belém, Porto Velho, Rio Branco (via aérea) Cr$ 25,00

HOMEM

A REVISTA DO



O Fantoche . . pág. 28 | Malu - pág. 64 | O Candidato - pág. 90

EDITORA ABRIL

Editor e Diretor
VICTOR CIVITA

Diretores
Edgard de Silvio Faria,
Richard Civita e Roberto Civita

HOMEM
A REVISTA DO

Diretor Geral do Grupo Masculino
Mauro Ivan Pereira de Mello

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Mário Escobar de Andrade
Editores: Geraldo Galvão Ferraz e Mario Lucio Franklin
Redator: Decio Bar
Assistente de Redação: Junko Yamanaka
Repórter e Fotógrafo: José Maria dos Santos
Pesquisa: Len Berg

ARTE
Chefe: Antonio Carlos Marsiarelli; **Chefes de Paginação:** Natanael Longo de Oliveira, Mário Naoki Mori, Toshio Asada e Walter Valiuke-nas; **Assistentes de Arte:** Marcel Gutierrez, Carlos Luiz Batista, Lúcio Seiji Segawa, Mauro Massayuki Kawamura, Bernadete Barbosa Durães, Alberto Silveira Lages de Magalhães, Marize Aparecida Sciessere

Colaboradores: Carlos Castello Branco, Fabiano Villanova, Fernando de Barros, Guilherme Figueiredo, Isaac Karabtchevsky, José Inácio Werneck, Marcelo Corcão, Newton Carlos, Paul Samuelson, Pietro Maria Bardi, Roberto Drummond, Sérgio Augusto, Sérgio Cabral

Ilustradores: Abraão Lincoln Baraccat, Alberto Naddeo, Brad Holland, Conceição Cahu, Don Baum, Eraldo Carugati, Gilberto Miadaira, Greg Wray, Jayme Leão, Kiko, Parviz Sadighian, Walter Hüne

PRODUÇÃO
Secretários de Redação: Carlos Roberto da Costa e Luiz Antonio P. Franco; **Secretários de Produção:** Nélio Lúcio Carvalho Nobre e Waldemar Schon; **Coordenadora de Publicidade:** Sadako Sigematu

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio: Nélson Silva (chefe de redação), Shirley C. O. Lima (repórter), Adhemar Veneziano, Joel Maia e Lucio S. Marreiro (fotógrafos)
Brasília: Pompeu de Sousa (diretor), D'Alembert Jaccoud (chefe de redação), Armando Sobral, Carlos M. Dellape, José R. Pontes, Eliane Cantanhede, Álvaro Pereira, Marinilda C. Marchi, Carlos H. Almeida Santos, Suzana Veríssimo (repórteres), Luiz Humberto, Marcos Santilli (fotógrafos)
Porto Alegre: Luís Cláudio Cunha (chefe de redação), Pedro Vitorino Maciel (repórter), Leonid Streliaev (fotógrafo)
Belo Horizonte: Carlos Lindenberg S. Castro (chefe de redação), Gleizer Correia Naves (repórter), Célio A. Oliveira (fotógrafo)
Curitiba: Hélio Teixeira (chefe de redação)/Pedro Franco
Recife: José Maria Andrade (chefe), Daura Lucia Santos, Nilson Pereira Lima, Terezinha Nunes da Costa (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Salvador: Carlos Libório (chefe de redação) Nadja Magalhães e Paolo Marconi (repórteres) e Ignacio V. Ferreira (fotógrafo)
Correspondentes, Paris: Pedro Cavalcanti, **Bonn:** Carlos Struwe, **Londres:** Jader de Oliveira, **Washington:** Roberto Garcia, **Nova York:** Odillo Licetti, Tel-Avive: Alessandro Porro
Matérias internacionais: via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas e British Caledonian Airways

SERVIÇOS EDITORIAIS
Diretor: Francisco Beltran/**Abril Press:** Judith Baroni (Gerente) e **Nova York:** Odillo Licetti (Gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201, N.Y. 10022, telex EDABRIL 423-063, tel. (212) 688-0531 - **Paris:** Rui Martins - 13, rue de Poissy, Paris 5ème - Phone: 326-3277 - **Milão:** Lydia Strafurini - Via Settembrini 45 - 20124 Milano - Phone: 278-659 - Telex: 34070 - Itália/**Documentação:** Pedro de Souza (gerente), Carmem Z. Ribeiro, Dilico Covizzi, Edna N. Martins, José Luís Brum, Lauro M. Coelho, Lizete Teles de Menezes, Maria A. Marzo, Marília França, Marion Alice Frank, Paulo R. Ribeiro, Sheila Ribeiro, Susana A. Junqueira, Valfrido Lima, Vicente Roig/**Estúdio Abril:** Olga Krell (Diretora)/**Cartografia:** Gilberto Paschoal (Gerente)/**Laboratório Fotográfico:** Jussi Lehto (Gerente)

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Sergio Benedicto Rosa
Representantes: Armando de Arruda Sampaio Filho, João de Mattos Smith Jr., C. J. de Rocha Pitta, Mozalt Fidelis da Silva, Renato Bertoni, Norberto Cagnacci
Gerente de Projetos Especiais: Renato Torres de Mello
Gerente de Comercialização: Berenice Gazoni
Promoção e Propaganda: José Carlos Mádio

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Belo Horizonte, gerente: Marisa Tavares Parreiras
Brasília, gerente: Luiz Edgard P. Tostes
Porto Alegre, gerente: Kleber Vieira Buhr
Recife, gerente: Edmundo Morais
Rio, gerente: Alvaro Ceciliano Fº
Representante: Antônio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avril
Salvador, gerente: Juracy Costa
Curitiba e Florianópolis, gerente: Aldo Schiochet
Diretor Rio e Escrit. Regionais: Sebastião Martins
Diretor de Publicidade: Oswaldo de Almeida F.º

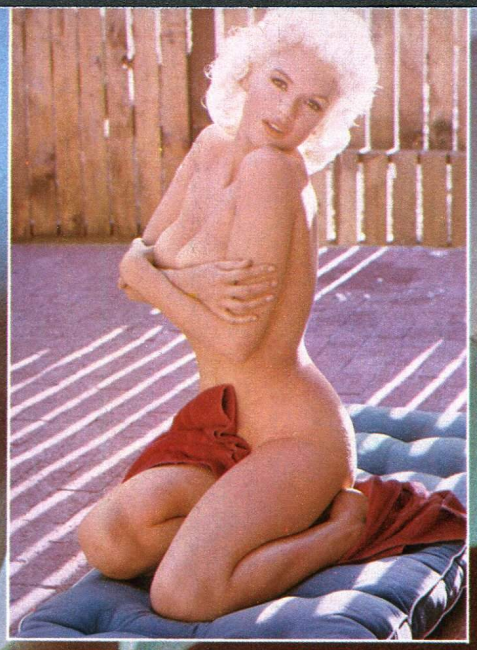
Diretor Responsável: Alexandre Daunt Coelho

CAPA: René e Vivien. Foto de Luiz Tripoli
DE HOMEM PARA HOMEM 3
PONTOS DE VISTA . . 8
ASSESSORIA . . 10
POLÍTICA CARLOS CASTELLO BRANCO 13
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA SÉRGIO CABRAL 15
BAZAR . . . 16
CINEMA SÉRGIO AUGUSTO 18
FUTEBOL . . . . JOSÉ INÁCIO WERNECK 22
INTERNACIONAL NEWTON CARLOS 24
ARTES PLÁSTICAS PIETRO MARIA BARDI 26
O FANTOCHE E A CIA - investigação L. DUBOIS E L. GONZALES 28
. . . . . .
500 ANOS DE DRÁCULA - humor . . 38
JAYNE MARIE MANSFIELD - mulher . 42
A VIAGEM DOS TÓXICOS - artigo PERCIVAL DE SOUZA 50
O COMPORTADO SAINT-LAURENT - moda . . 58
MALU - poster 64
O QUE AS MULHERES MAIS DESEJAM? - lenda . . 74
O PAPAGAIO DE HEMINGWAY - ficção RAY BRADBURY 76
. .
OS HORRORES DO VIETNAM - memórias RON KOVIC 84
O CANDIDATO - sátira HERMILO BORBA FILHO 90
VERA MANHÃES mulher . . 100
IDI AMIN entrevista 108
UMA ALTERNATIVA - artigo . . . SENADOR SATURNINO BRAGA 114
VOCÊ ME DEIXA MALUCA - ficção FERNANDO PESSOA 122
O SEXTO SENTIDO - artigo JULES SIEGEL 126
HISTÓRIA DE PESCADOR - ficção GERALDO FERRAZ 134

A Revista do HOMEM é uma publicação da Editora Abril Ltda./**Grupo Masculino/Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 800, tels.: 266-0011 e 266-0022/CEP 01390, caixa postal 2372, telex 011-22094 e 011-22115, São Paulo/**Escritórios: Belo Horizonte:** av. Álvares Cabral, 908, tels.: 337-0351 e 335-0163, telex 031-1085, telegramas: Abrilpress/**Brasília:** SCS Projetada, 6, edifício Central, 12.º andar, salas 1 201/8, tels.: 24-9150 e 24-7116, telex: 061-1464, telegramas: Abril press/**Curitiba:** rua Marechal Floriano Peixoto, 228, edifício Banrisul, 9.º andar, conjs. 901/2, tels: 23-0262 e 22-9541, telex: 041-5278, telegramas: Abrilpress/**PortoAlegre:** Av. távio Rocha, 115, 11.º andar, conjs. 1 102/3, tel.: 24-4778, telex: 051-1092, telegramas: Abrilpress/**Recife:** rua Siqueira Campos, 45, edifício Lygia Uchoa Medeiros, conjs. 204/5, tel.: 24-4997, telex: 081-1184, telegramas: Abrilpress/**Rio de Janeiro:** rua do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels: 244-2022, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: 021-22674/**Salvador:** Rua Itabuna, 304, Parque Cruz Aguiar, bairro do Rio Vermelho, tel.: 70-580, telegramas: Abrilpress/**Distribuidor nos EUA:** M&Z Representantes, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2794/Preço do exemplar avulso: o constante na capa/Preço da assinatura: mesmo do exemplar avuso, mais o frete registrado de superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano, mínimo de seis meses)/Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais/Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1 391; r. São Domingos, 212; r. Antonio de Barros, 435; r. João Pereira, 197; r. Joaquim Floriano, 417; r. Domingos de Moraes, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Oiapoque, 91; no ABC: r. 15 de Novembro, 442 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo/Temos em estoque somente as últimas seis edições/Todos os direitos reservados/Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. **A Revista do HOMEM** não admite publicidade redacional/As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas pela revista, podendo ser até contrárias às mesmas. Registrada na D.C.D.P. do D.P.F. sob o n.º 1439 — P. 209/73

© 1976 Editora Abril
© 1971, 1972, 1974, 1976 PLAYBOY as to material published in the April 1971, January 1972, June 1974, July, August, September 1976 English languages issues of PLAYBOY; 1970, 1975 PLAYBOY as to material published in the PB PLAYBOY CARTOON ALBUM n.os 2 e 6

Ela é mais alta do que a mãe, embora tenha menos centímetros em certas áreas. Mesmo assim, sua carreira como atriz *sexy* parece estar garantida.



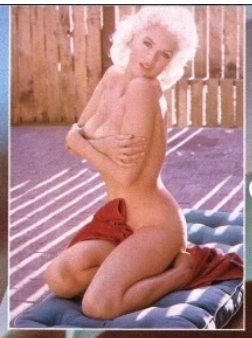
Fotos

Jayne Marie, a filha de Jayne Mansfield

Agora ela já não teme mais comparações

Dwight Hooker

Ela é mais alta do que a mãe, embora tenha menos centímetros em certas áreas. Mesmo assim, sua carreira como atriz *sexy* parece estar garantida.



Fotos

Jayne Marie, a filha de Jayne Mansfield

Agora ela já não teme mais comparações

Dwight Hooker

Aos 17 anos saiu de Hollywood disposta a nunca mais voltar

Quando a mãe morreu, em 1967, seu mundo desabou. Rapidamente os credores se encarregaram de pôr em leilão a fantástica mansão toda cor-de-rosa com uma piscina em forma de coração, onde passara a infância, e Jayne Marie Palmer, aos 17 anos, abandonou Hollywood disposta a nunca mais voltar.

Oito anos se passaram até que ela conseguisse assimilar o peso de ser tratada por todos como a filha de Jayne Mansfield e retornasse à Califórnia para seguir a mesma carreira da mãe. Durante esse período, esteve casada por um ano, rodou mundo, interessou-se por religiões, passou quatro meses num monastério tibetano — finalmente entregou os pontos: breve poderá ser vista no papel principal de *The Great Ballon Race,* ainda sem título em português.

"Por esse filme que acabei de fazer, eu deveria ir para o *Livro dos Recordes.* Afinal, eu fui a primeira mulher a sobrevoar o Triângulo das Bermudas num balão. E saí viva . . ."

AdultMagazinesPDF.com

FREE DOWNOAD VINTAGE ADULT MAGAZINES PDF

Mayfair, Men Only, Fiesta, Escort, Knave, Penthouse, Playboy, Hustler, Color Climax, Silwa, Razzle, Adam Film World, Gent, Juggs, High Society, Oui, Private, Playmen and more ...!

https://adultmagazinespdf.com/

Voltou quando se sentiu mais segura "e bem mais pobre, também"

Aceitei me lançar no cinema agora porque, embora as comparações com minha mãe ainda sejam inevitáveis, hoje sinto-me mais segura . . . e bem mais pobre também — explica a sorridente Jayne Marie.

Na verdade, propostas para entrar no *show biz* nunca lhe faltaram. Sua mãe, porém, sempre se opôs. E ela mesma parecia determinada a seguir uma carreira de dona-de-casa, talvez para compensar o ambiente delirante em que foi criada.

— Acontece que cozinho pessimamente e acabei descobrindo que não há a menor graça em passar o dia todo na companhia de uma máquina de lavar.

E assim Hollywood ganhou uma nova Jayne Mansfield. Melhor que a mãe? Igual? Esqueçam as comparações, vejam as fotos.

"Eu e mamãe éramos como irmãs. Fazíamos programas juntas, com rapazes, ela disfarçada com uma peruca e morrendo de rir quando a comparavam com Jayne Mansfield."

Voltou quando se sentiu mais segura "e bem mais pobre, também"

Aceitei me lançar no cinema agora porque, embora as comparações com minha mãe ainda sejam inevitáveis, hoje sinto-me mais segura . . . e bem mais pobre também — explica a sorridente Jayne Marie.

Na verdade, propostas para entrar no *show biz* nunca lhe faltaram. Sua mãe, porém, sempre se opôs. E ela mesma parecia determinada a seguir uma carreira de dona-de-casa, talvez para compensar o ambiente delirante em que foi criada.

— Acontece que cozinho pessimamente e acabei descobrindo que não há a menor graça em passar o dia todo na companhia de uma máquina de lavar.

E assim Hollywood ganhou uma nova Jayne Mansfield. Melhor que a mãe? Igual? Esqueçam as comparações, vejam as fotos.

"Eu e mamãe éramos como irmãs. Fazíamos programas juntas, com rapazes, ela disfarçada com uma peruca e morrendo de rir quando a comparavam com Jayne Mansfield."

Os projetos de Jayne Marie: um novo filme, uma estréia como manequim, e um livro que pretende escrever relatando sua convivência com a mãe. Título provisório: *Por Que Me Tornei Católica.*

Os projetos de Jayne Marie: um novo filme, uma estréia como manequim, e um livro que pretende escrever relatando sua convivência com a mãe. Título provisório: *Por Que Me Tornei Católica.*

UM DOCE MOLEQUE, A MENINA CHAMADA

MALU

Malu é uma menina-moleque nascida sob o signo de Aquarius há 20 anos no bairro paulistano de Santana. Mais moleque, menos menina, cedo começou a se destacar disputando partidas de bolinhas de gude com os garotos da vizinhança. Um pequeno escândalo que se repetiria mais tarde quando, já crescidinha, Malu passou a ser vista empenhada em animadas "peladas" pelos campinhos de Santana.

Isso ela explica. é sobrinha do

FOTOS / ROGER BESTER

Por trás dessa figurinha romântica e delicada se esconde a outra personalidade de Malu o moleque que escandaliza o bairro, sempre nas rodas em que se jogue bolinha de gude ou futebol. "O moleque é quem me põe nas boas" diz ela.

UM DOCE MOLEQUE, A MENINA CHAMADA

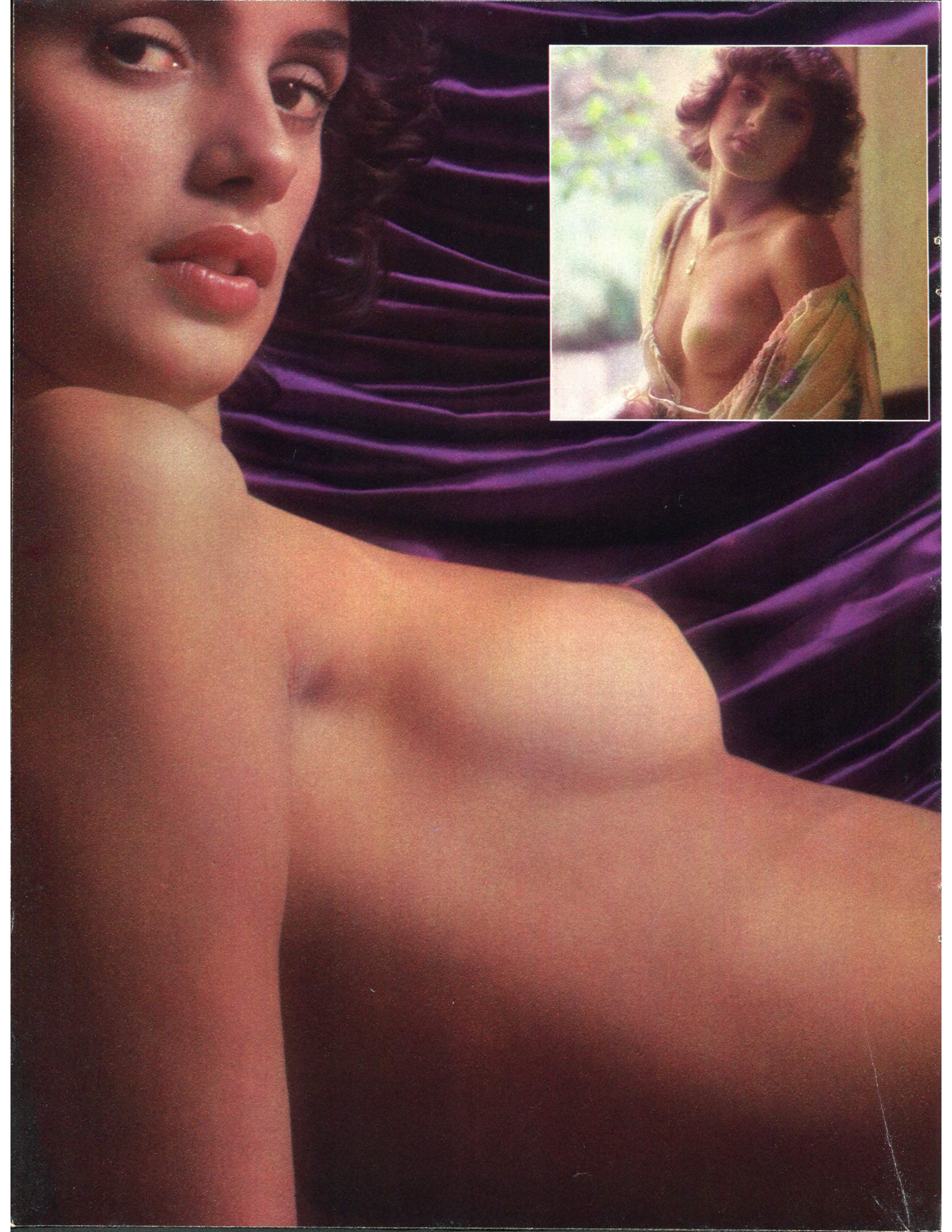
MALU

Malu é uma menina-moleque nascida sob o signo de Aquarius há 20 anos no bairro paulistano de Santana. Mais moleque, menos menina, cedo começou a se destacar disputando partidas de bolinhas de gude com os garotos da vizinhança. Um pequeno escândalo que se repetiria mais tarde quando, já crescidinha, Malu passou a ser vista empenhada em animadas "peladas" pelos campinhos de Santana.

Isso ela explica. é sobrinha do

FOTOS / ROGER BESTER

Por trás dessa figurinha romântica e delicada se esconde a outra personalidade de Malu o moleque que escandaliza o bairro, sempre nas rodas em que se jogue bolinha de gude ou futebol. "O moleque é quem me põe nas boas" diz ela.



Ela não se interessa muito pelo tema, mas tem opiniões de escandalizar qualquer feminista. Exemplo: "homem infiel é aquele que a mulher não satisfaz".

SEU SONHO É TER UM TIME DE FUTEBOL, MAS SÓ DE MENINAS

inesquecível De Sordi, aquele zagueiro cabeçudo do São Paulo F. C. e que chegou a campeão do mundo defendendo a "canarinho" na Copa de 58. Foi com ele que Malu "aprendeu a brincar nas onze". E até hoje seu entusiasmo é tão grande que a moça vive tentando montar o seu próprio time, só de meninas.

Apesar dessas ligações com jogos e esportes masculinos, Malu é uma figurinha doce que sugere leveza em cada movimento, qualidades que a levaram a posar para dezenas de

Ela não se interessa muito pelo tema, mas tem opiniões de escandalizar qualquer feminista. Exemplo: "homem infiel é aquele que a mulher não satisfaz".

SEU SONHO É TER UM TIME DE FUTEBOL, MAS SÓ DE MENINAS

inesquecível De Sordi, aquele zagueiro cabeçudo do São Paulo F. C. e que chegou a campeão do mundo defendendo a "canarinho" na Copa de 58. Foi com ele que Malu "aprendeu a brincar nas onze". E até hoje seu entusiasmo é tão grande que a moça vive tentando montar o seu próprio time, só de meninas.

Apesar dessas ligações com jogos e esportes masculinos, Malu é uma figurinha doce que sugere leveza em cada movimento, qualidades que a levaram a posar para dezenas de

NUNCA TINHA FICADO NUA NA FRENTE DE HOMEM NENHUM

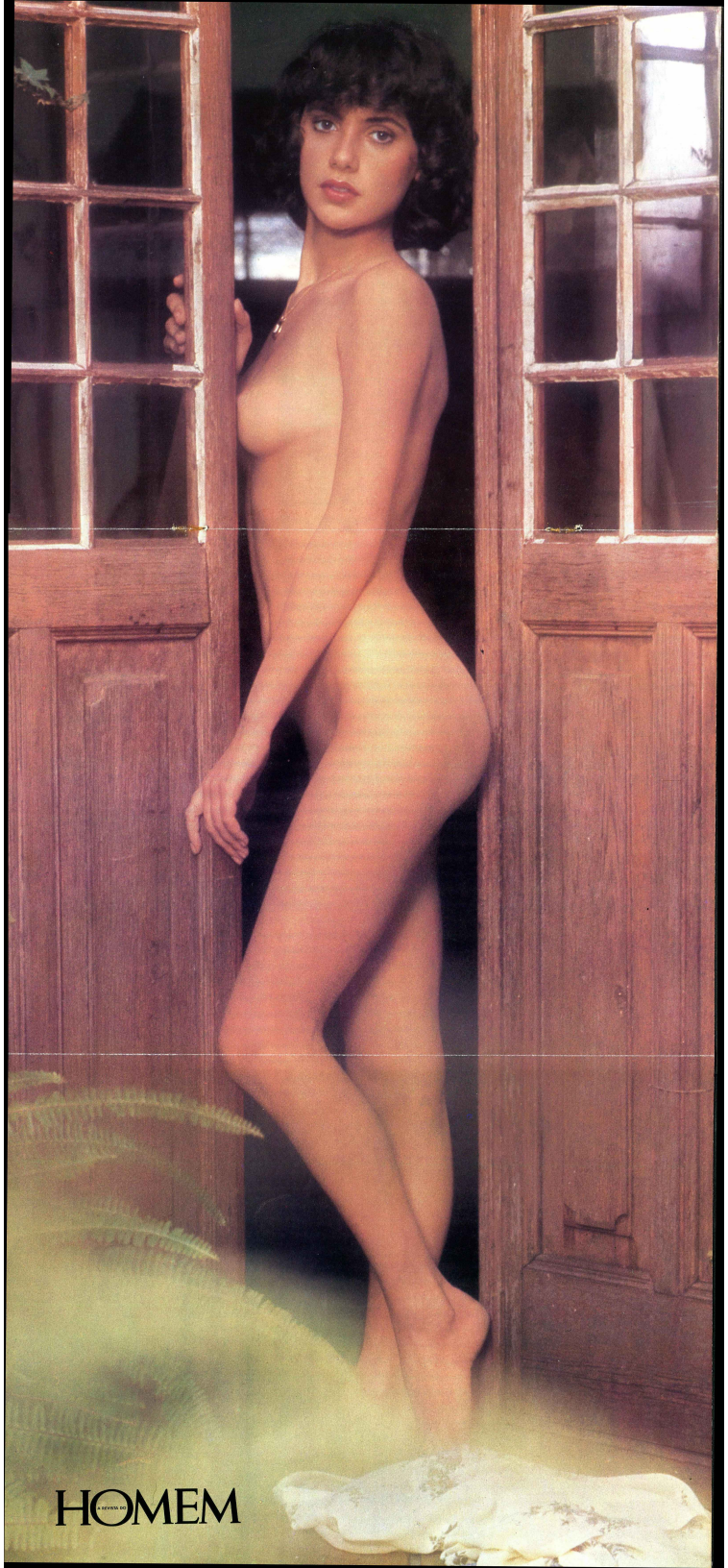
anúncios que vendiam ternura em várias embalagens. Daí ninguém no bairro ter entendido — novo escândalo — quando ela disse que iria aparecer nuinha nas páginas de Homem.

— Até os meninos foram caretas, moralistas. E olhe que a família me deu força . .

No estúdio, porém, quando o fotógrafo pediu-lhe que tirasse a roupa, Malu pensou em ir embora.

— Nunca tinha ficado nua na frente de um homem. Precisei de um conhaque e de muita compreensão do fotógrafo pra começar a me soltar. Aí, tudo bem.

A REVISTA DO
HOMEM


HOMEM

A REVISTA DO
HOMEM

FOTOS/ANTONIO GUERRERO

ENTRE UM SHOW E UM FILME APRESENTAMOS

VERA MANHÃES

Vera ela é sempre. Vera Manhães e Vera Pitanga, como opções. Um poeta romântico mais retórico e inflamado, sem dúvida, não hesitaria em optar pelo segundo. E justificaria sua escolha discorrendo sobre aromas, frutas sumarentas, travos exóticos, tudo recheado de exclamações e reticências.

Talvez essa seja uma maneira apropriada de se falar de Vera — Manhães ou Pitanga? — atriz, bailarina, cantora e manequim, tendo conquistado em todas essas atividades o privilégio de poder colocar antes de cada uma o adjetivo "famosa"

Dirão os cariocas que ela é do

PRODUÇÃO/VANDA CARRILHO

Para ter toda essa forma que vocês estão vendo, Vera dança muito: ela ensina dança moderna e aprende balé clássico com Tatiana Leskova (há sete anos) e moderno com Vilma Vermont.

Uma declaração exemplar que merece ser divulgada: "Adoro homem. Eu sou muito fêmea. Acho que é maravilhoso agradar ao homem que a gente curte".

"OS HOMENS QUEREM TER ONDE SEGURAR. CHEGOU O FIM DAS ESQUELÉTICAS. VIVA AS CHEINHAS!"

Rio, pois já mora há seis anos lá. Mas os paulistas reivindicam Vera: afinal, ela nasceu foi em São Paulo, Capital, tendo sido criada no bairro tipicamente paulistano do Ibirapuera. O caso é que Vera Lúcia Manhães, 25 anos, casou-se com o ator de cinema, TV e teatro, Antônio Pitanga, no ano em que foi para o Rio, transformando-se em Vera Pitanga.

Esclarecido o mistério, Vera conta que já fez cinema, desde a chanchada (atenção, "não faço pornô") *O Barão Otelo no Barato dos Milhões* até o bem-comportado *A Moreninha*, passando pelo filme feito no Brasil pelo francês Jean-Claude Brialy, *Um Animal Dotado de Desrazão*.

Do cinema à televisão: novelas como *Ovelha Negra*, *Jerônimo, o Herói do Sertão*, *O Bofe*, *O Cafona* e *Bandeira Dois*. No teatro, fez *Os Autos Sacra-*

CONFESSA QUE É PREGUIÇOSA, NÃO GOSTA DE COZINHAR, MAS FAZ ALGUMA DIFERENÇA?

mentais, do dramaturgo espanhol Calderón de la Barca, com direção de Victor García, numa temporada por vários países da Europa. Além disso, ainda participou de shows como *Unidos de Pujol,* onde cantava e dançava, e *O Rio Amanheceu Cantando,* junto com Elizete Cardoso, o conjunto MPB-4 e o Quarteto em Cy. Foi vedete do show Brazil Export, ao lado dos bailarinos americanos Lennie Dale e Jo-Jo Smith. Como se não bastasse, ainda foi manequim de Courrèges, no Brasil.

Talvez por ter feito tanta coisa em tantos setores, Vera costuma se esquecer de alguns detalhes entre esses fatos, tendo que ser ajudada pelo marido, que põe ordem na distração dela. Pitanga, por sua vez, afirma categórico que o fato da mulher fotografar para Homem não tem qualquer

Vera morou seis meses na Europa, quando fez parte do grupo de teatro que Ruth Escobar liderou, com o espetáculo *Os Autos Sacramentais*. Além de atriz, ela foi modelo em Paris, durante três meses.

"QUERO SER RECONHECIDA. AMADA E MUITO QUERIDA." ISTO É. COMO ATRIZ...

problema, "é apenas um dado na carreira de Vera", e ele dá toda a força para que essa carreira seja bem sucedida. Suas interferências são palpites e sugestões, como aconteceu há pouco quando Vera recebeu um convite para trabalhar nua numa peça, sendo necessário um teste.

Ele não concordou, por achar que "ela já é muito conhecida e não tem cabimento se pedir isso a uma atriz experiente".

Pitanga e Vera há algum tempo eram o que se podia chamar de "casal-badalação" no Rio: não havia festa, bar da moda ou restaurante em que eles não aparecessem. Agora, estão numa fase muito caseira; ela dorme até muito tarde, é preguiçosa e nem gosta de cozinhar.

Moram num tranqüilo apartamento numa calma rua do Leblon, mas Vera sonha com uma casa, talvez não tão calma, já que nos seus planos também estão uns três filhos.

Vera é vidrada em praia e, mal aparece um sol melhor, ela pode ser encontrada na praia em frente à Montenegro. Na praia, uma de suas preferências é ficar vendo o surf, que acha "um esporte lindíssimo" e ficar conversando com as cocotas e gatões, na opinião de Vera, "uma gente muito saudável".

Atenção!, Vera tem uma queixa a fazer sobre o homem brasileiro (alguns, talvez): "Ele ainda é muito criança, imaturo, com uma mania exagerada de bancar o machão".

Novo Shelton Extra Suave. É outra classe.

Suavidade e muito sabor numa nova mistura.

Shelton Extra Suave.
Uma nova mistura de fumos desenvolvida pela Philip Morris e protegida pela carteira Flip Top.
Para quem exige mais do que o melhor.
Para quem exige que suavidade tenha muito sabor.

Shelton. É outra classe.

A TAP
trouxe para
você o Spring
Service – um novo
estilo e uma nova filosofia
de voar.

Vá ao encontro de novos sois, novos roteiros,
novos horizontes...

E chegue a Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Zurich, Frankfurt, e toda a Europa acompanhado pela tradição portuguesa em hospitalidade que, com certeza, não lhe faltará.

Voando pelo Spring Service da TAP você descobrirá que tudo foi mudado pensando em você. Novas cores para os uniformes da tripulação, novos serviços de bordo com refeições a sua escolha, até mesmo novas etiquetas de bagagem.

Um novo estilo e uma nova filosofia, unindo a moderna técnica de vôo ao aconchego da já antiga tradição em hospitalidade.

Spring Service da TAP – a nova filosofia de voar.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

Monte um bar em casa com apenas uma garrafa.

PROEME

Com uma garrafa de Smirnoff você prepara todos os drinques que estão neste anúncio.

Ou, com a sua imaginação, dezenas de outros coquetéis maravilhosos.

Isto porque Smirnoff é a bebida mais pura que existe. Tão pura que permite qualquer mistura.

Por isso e porque pode ser tomada no frio ou no calor, Smirnoff é hoje a bebida mais vendida nos Estados Unidos.

E cujo consumo mais cresce nos outros 69 países onde é conhecida.

Portanto, pegue uma garrafa de Smirnoff, chame os amigos e inaugure o seu bar.

Tim-tim.

UVANOFF
1 dose de Smirnoff, 2 doses de suco de uva Dreher, gelo, canudos. Se desejar, coloque açúcar e club-soda.

BLACK RUSSIAN
3 partes de Smirnoff, 1 parte de licor de café Bahia, muito gelo.

MARNOFF
1 dose de Smirnoff, suco de laranja, gotas de licor Grand Marnier, fatia de laranja, canudos.

SMIRNOFF SOUR
suco de meio limão, 1 colher de açúcar, 1 dose de Smirnoff. Feito em coqueteleira.

BLOODY MARY
1 dose de Smirnoff, 1 dose de suco de tomate, pedras de gelo. Adicione uma pitada de pimenta, tempere com gotas de molho inglês, suco de limão e sal.

A bebida invisível.

Quem tem Corcel é assim:
Engenheiro do metrô. Ele sempre defendeu a idéia de um meio de transporte que tivesse o maior conforto e toda a qualidade, com uma economia total.
E cita o exemplo do Corcel.

FORD CORCEL

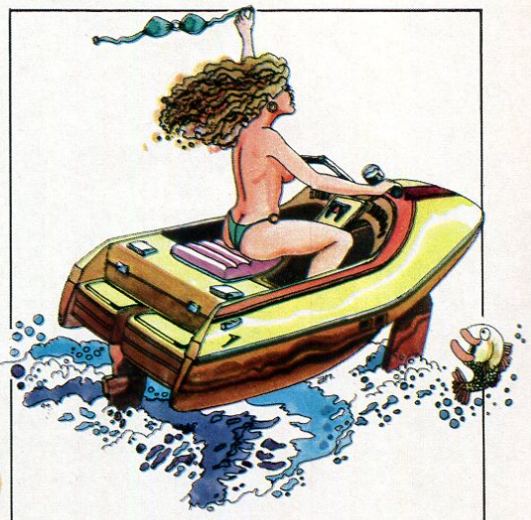
Ford

Um passo à frente

BAZAR BAZAR BAZAR

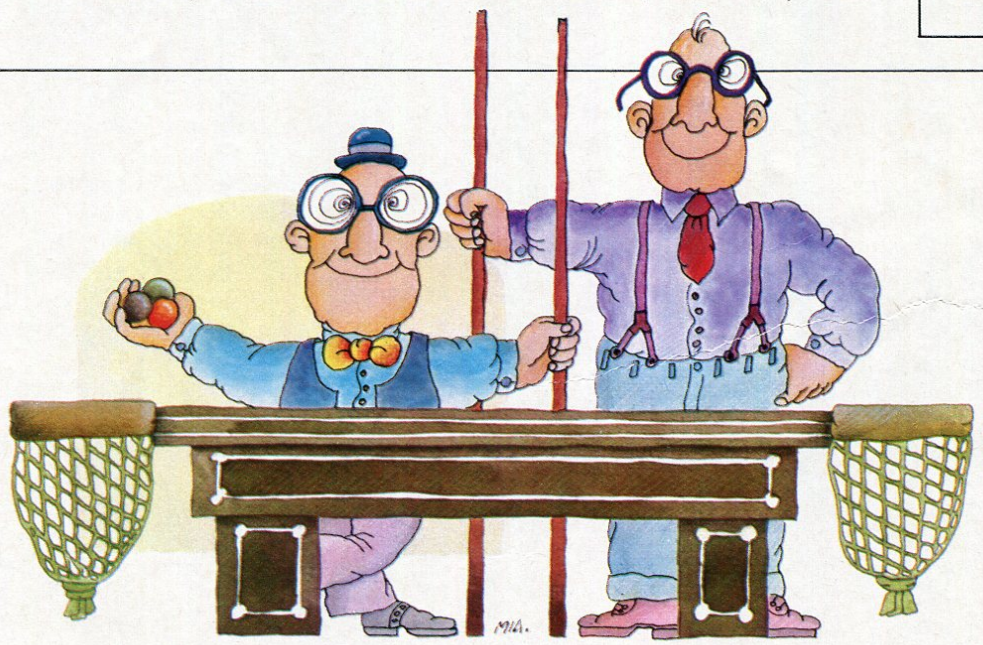
DÊ O LANCE E LEVE UM AVIÃO

Ainda dá tempo para você entrar no Consórcio Gaplan, o primeiro que, em vez de carros, transa aviões. Para você comprar um Corisco EMB-711, terá que pagar Cr$ 11 062 mensais, durante sessenta meses. No caso de um Carioca, a taxa é de Cr$ 10 283. O mais caro é o Seneca, por Cr$ 25 338. O lance terá que ser de pelo menos 10% da dívida do consorciado. A Gaplan funciona em Itu, mas seu endereço em São Paulo é: rua 15 de Novembro, 184, 18.º, cj. 1803.



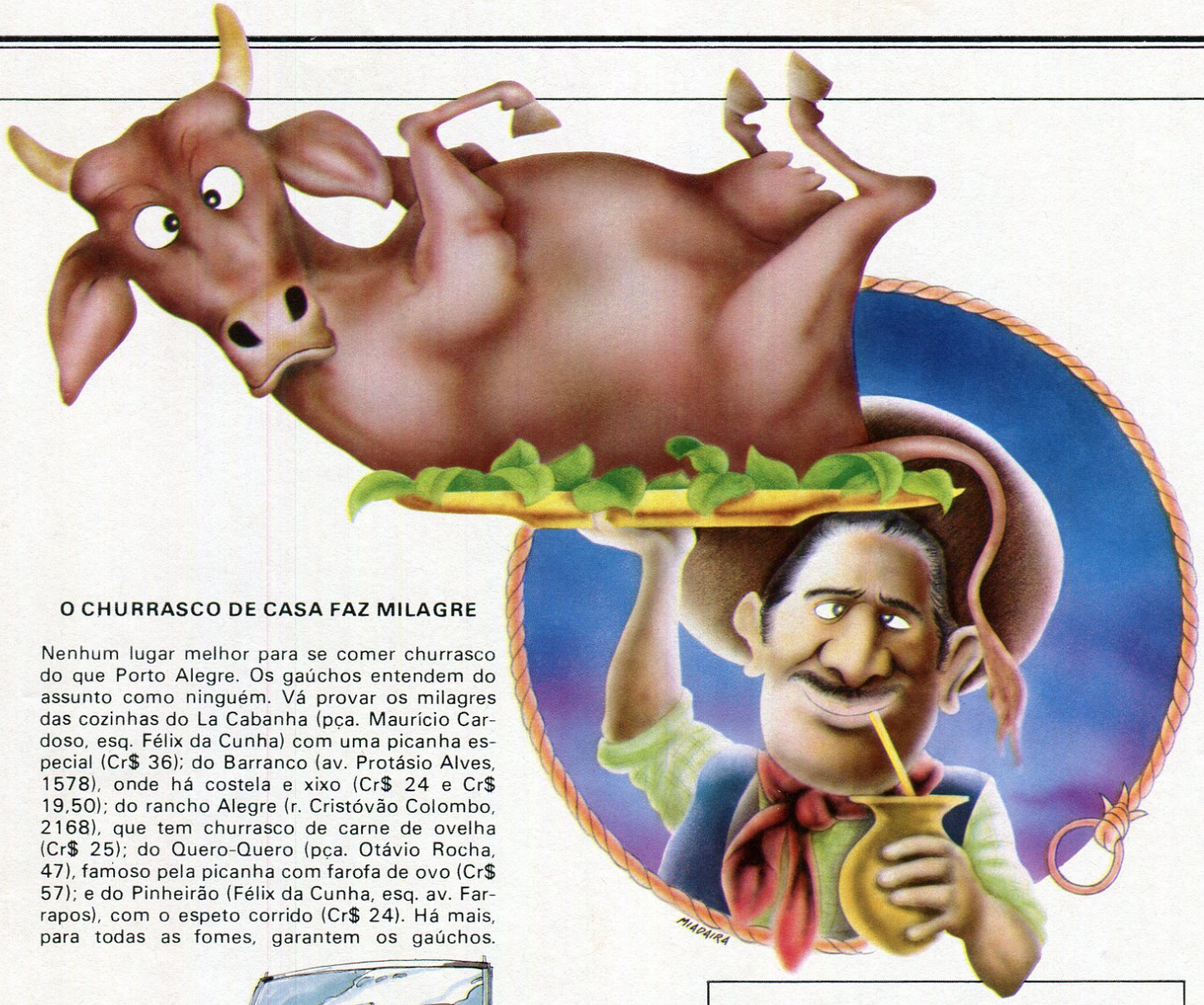
VOCÊ, SOBRE AS ÁGUAS, COMO SÃO PEDRO

É esta a proposta do Dynafoil, um aerobarco que, à medida que se lhe aumenta a velocidade, emerge cada vez mais da água. Com um motor de dois cilindros e 440 cc, chega a 70 km/h. Fabricado pela Dynafoil Inc. (881 W. 16th Street, Newport Beach, Califórnia), o barco é insubmersível e está virando moda para quem gosta de velocidade. Com o tanque cheio, tem uma autonomia de 100 km; no caso do piloto estar acompanhado e se dedicar a outros prazeres, basta tirar o pé do acelerador que o Dynafoil pára na hora.



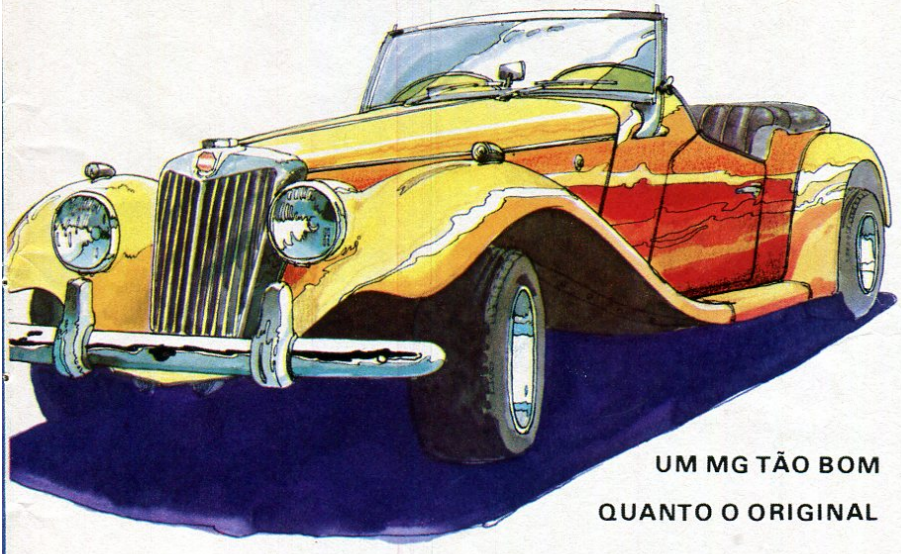
SINUCA PERSONALIZADA

A mesa de sinuca ou de qualquer outro jogo, do jeito que você imaginar, pode ser encomendada aos Irmãos Celico, rua Aurora, 101, São Paulo. Essa indústria tem uma experiência de 16 anos e aceita encomendas conforme o gosto ou a imaginação do freguês. Uma mesa de bilhar nova custa Cr$ 28 mil, a reformada sai por Cr$ 14 mil. Para baralho: Cr$ 1 mil.



O CHURRASCO DE CASA FAZ MILAGRE

Nenhum lugar melhor para se comer churrasco do que Porto Alegre. Os gaúchos entendem do assunto como ninguém. Vá provar os milagres das cozinhas do La Cabanha (pça. Maurício Cardoso, esq. Félix da Cunha) com uma picanha especial (Cr$ 36); do Barranco (av. Protásio Alves, 1578), onde há costela e xixo (Cr$ 24 e Cr$ 19,50); do rancho Alegre (r. Cristóvão Colombo, 2168), que tem churrasco de carne de ovelha (Cr$ 25); do Quero-Quero (pça. Otávio Rocha, 47), famoso pela picanha com farofa de ovo (Cr$ 57); e do Pinheirão (Félix da Cunha, esq. av. Farrapos), com o espeto corrido (Cr$ 24). Há mais, para todas as fomes, garantem os gaúchos.

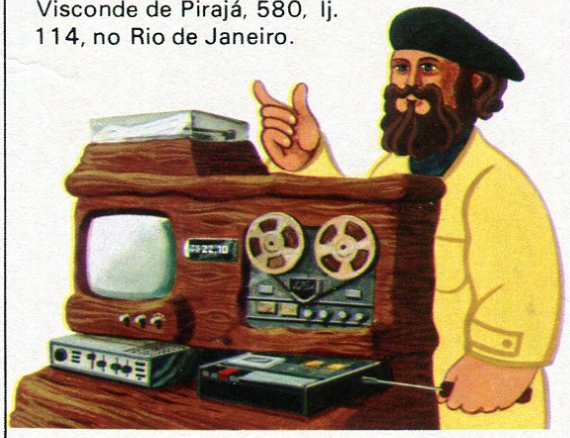


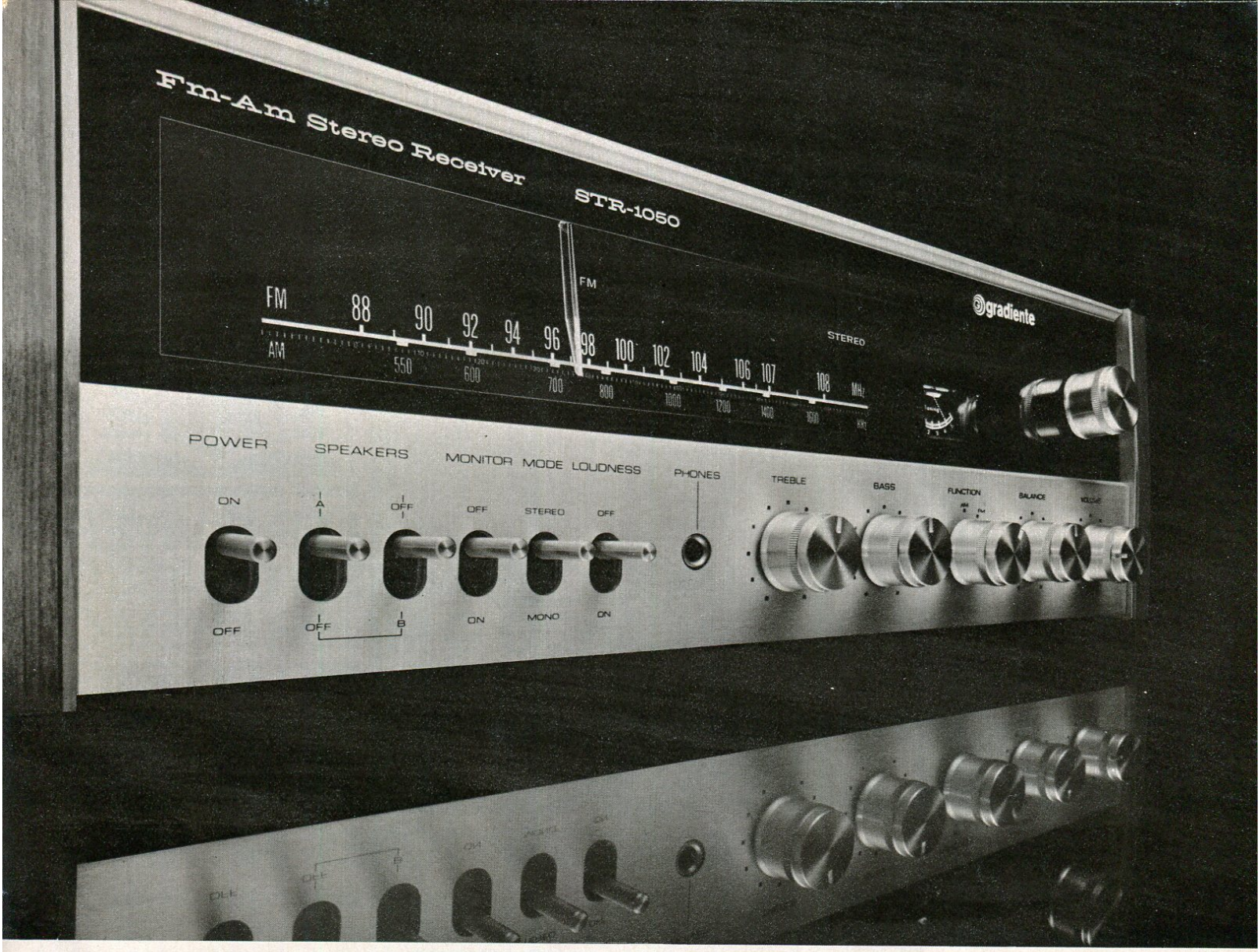
UM MG TÃO BOM QUANTO O ORIGINAL

Já há mais de 100 pedidos para a réplica do MG TF que o ex-construtor de carros de corrida Antônio Carlos Avallone está lançando. Diferente do MP Lafer que "apenas lembra o MG" o carro de Avallone custará Cr$ 107 mil na av. Friburgo, 61, São Paulo. Mais seguro que o original, terá motor Chevette e aparecerá nas cores branco, amarelo, vermelho e prata (estas três metálicas). O tempo de espera é de seis meses.

IMAGEM E SOM COM EMBALAGEM

Uma embalagem exclusiva para aparelhos de som e imagem, foi a bolação do designer Max Forti. Trata-se de uma caixa em pinho de riga para acomodar a televisão, o gravador, o toca-discos e o amplificador. Um trabalho artesanal que custa Cr$ 8 mil na rua Visconde de Pirajá, 580, lj. 114, no Rio de Janeiro.





Para dar puro som a você, o STR-1050 é o que todo homem gostaria de ser: jovem, bonito, sensível, potente e com muita experiência.

Receiver, como você sabe, é um Amplificador com Sintonizador de Frequência Modulada e Ondas Médias (FM/AM) já incorporado. E ser um Receiver é a única semelhança que o STR-1050 tem com os outros Receivers.

Para começar, ele realmente dá puro som a você. Um som sem distorções. Mesmo quando você exigir volume.

O STR-1050 é produto da longa experiência Gradiente: há mais de 10 anos ela vem pesquisando e desenvolvendo novos aparelhos para a reprodução de som em alta fidelidade, com a mais avançada tecnologia.

E está aí o STR-1050 que não nos deixa mentir: ele possui, por exemplo, transistor do tipo **Dual Gate Mosfet,** para você ter a melhor recepção em FM. E para maior separação de canais de recepção FM estéreo, ele tem um Multiplex Decoder do tipo **Phase Lock Loop,** que garante também o desempenho permanente deste circuito.

Mas, como o puro som do STR-1050 fala mais alto do que tudo que dissemos aqui, aceite este convite: dê um pulinho até um Revendedor Autorizado Gradiente, e peça uma demonstração.

Lá você vai ver que juventude, beleza, sensibilidade, potência e experiência, é tudo que um Receiver precisa ter para conquistar seus ouvidos.

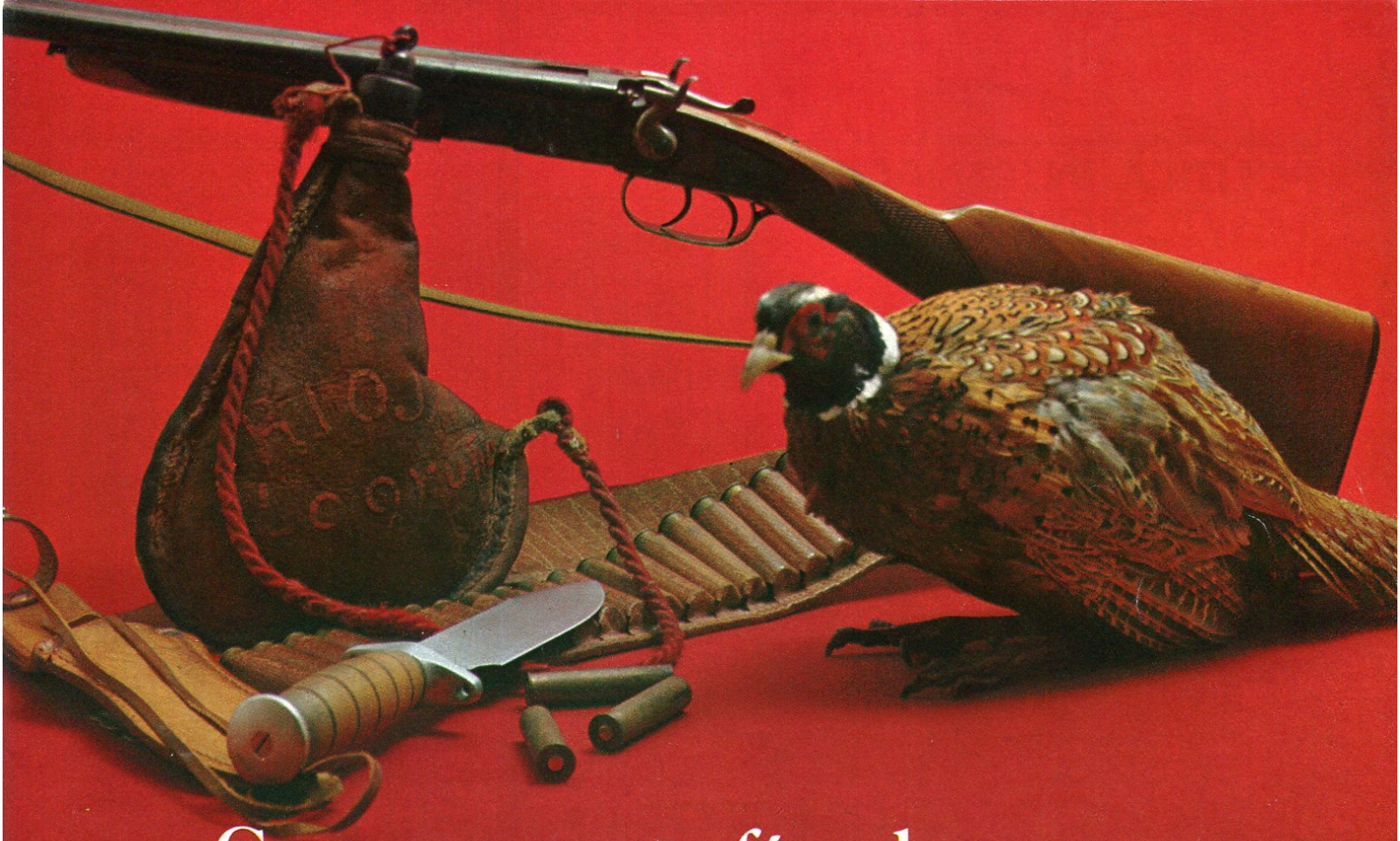
Com puro som.

gradiente

O puro som de verdade

STR-1050: FM/AM Stereo Receiver, 70 W (IHF), entradas para Toca-Discos e Gravadores, transistor "Dual Gate Mosfet", Multiplex Decoder "Phase Lock Loop". CD-1667: Gravador Stereo Cassette-Deck com ANRS (sistema dinâmico de redução de ruídos e chiados), cabeças Crônios e Ferrite, "eject" por célula fotoelétrica. SP-25 MK IV: Toca-Discos Garrard-Gradiente, manual, 3 velocidades, "lift" hidráulico, compensador de "Bias", Cápsula Magnética e Agulha Shure. MINIDEZ-S: Caixa Acústica, 60 W (IHF), Radiador Passivo, 3 alto-falantes.

Y&R



Conserve seus troféus de caça e pesca para depois ninguém duvidar de você.

Para conservar a fama,
compre um Congelador Prosdócimo. Ninguém terá
coragem de duvidar de você na
presença de uma lagosta com creme,
ou ostras au poivre.
Quem duvidaria de suas estórias
depois de saborear uma codorna ao madeira,
uma perdiz à toledana ou
um linguado à moda Meuniére?
O Congelador Prosdócimo conserva por tempo
indefinido as melhores provas
de que você participou de grandes caçadas
e pescarias, e em qualquer época do ano você
pode oferecer uma delas como excelente iguaria.
Quando congelar os peixes,
dê preferência aos pescados no mesmo dia.
As carnes devem ser cortadas
em porções iguais àquelas utilizadas normalmente.
Acondicionar em sacos plásticos
ou de alumínio, bem vedados para que não entre ar.
O sabor e a riqueza dos alimentos
conservados num Congelador Prosdócimo permanecem
mesmo depois de muito tempo.
Isso significa para você, o prazer de saber
que poderá contar a mesma aventura
daqui a muito tempo. Tendo como evidência o
peixe ou a caça tão frescos e saborosos
como seriam no mesmo dia em que você trouxe.

Congelador Doméstico

PROSDÓCIMO

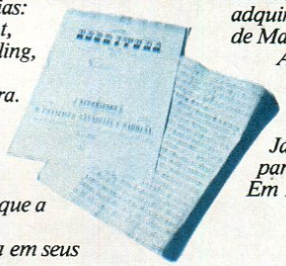
Refrigeração Paraná S/A.
Rua Min. Gabriel Passos, 360
Tel.: (0412) 24-4122 Cx. Postal: 6092
Curitiba-Paraná

Exclam

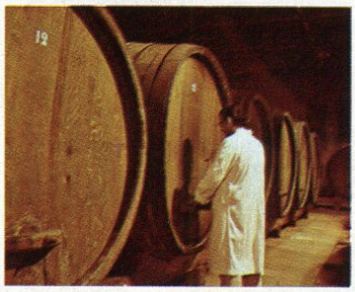
"Mis en Bouteilles au Château"

Château Lacave. Para aqueles que só acreditavam em vinhos estrangeiros.

Pela primeira vez no Brasil um vinho château faz jus ao nome que tem. É que Château Lacave é inteiramente concebido numa perfeita réplica dos antigos castelos franceses. Construído em Caxias do Sul, este castelo oferece todas as condições climáticas necessárias para a produção do verdadeiro vinho château. Château Lacave é um vinho brasileiro preparado só com as melhores uvas de castas européias: Cabernet, Merlot, Sauvignon, Riesling, Pinot, Saint Emilion e Barbera. Tudo isso faz com que ele tenha a mesma qualidade dos famosos vinhos que a classe nobre da Europa produzia em seus castelos particulares. Mas todos esses segredos



Château Lacave não descobriu ontem. Vêm desde 1752 quando Don Francisco Carrau Vehils, de origem francesa, adquiriu a primeira vinha em Vilasar de Mar, na Catalunha, Espanha. Assim, teve início uma tradição vitivinícola, seguida até hoje pelas gerações dos Carrau, na fabricação de vinhos finos. Já em 1840 eles exportavam vinhos para o Brasil, Argentina e Uruguai. Em 1888 obtinham vários prêmios



internacionais, confirmando a tradição como produtores de vinhos da mais alta qualidade. Devido ao grande mercado de vinhos, existente no Brasil, a família Carrau começou a produzir no sul do país o primeiro vinho château brasileiro, ao nível dos grandes vinhos estrangeiros. Mas toda essa história você pode conhecer de perto, fazendo uma visita ao Château Lacave, em Caxias do Sul. Só assim você vai entender por que Château Lacave é o que de melhor existe em vinho, neste país.

Château Lacave - tinto, branco e rosé. Engarrafado no Castelo. Produção limitada.

Produzido por Vinhos Finos Santa Rosa S.A. Representante: National Distillers do Brasil Ind. e Com. Ltda.

Château Lacave

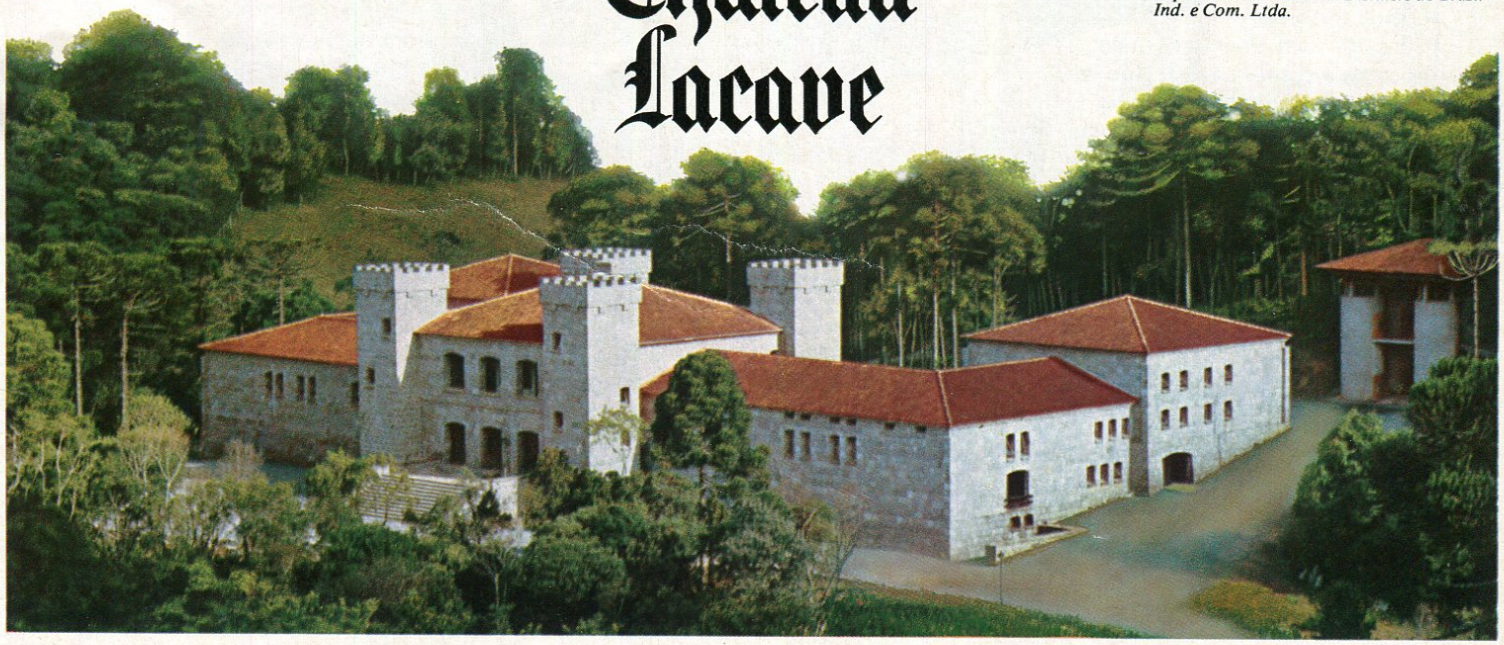
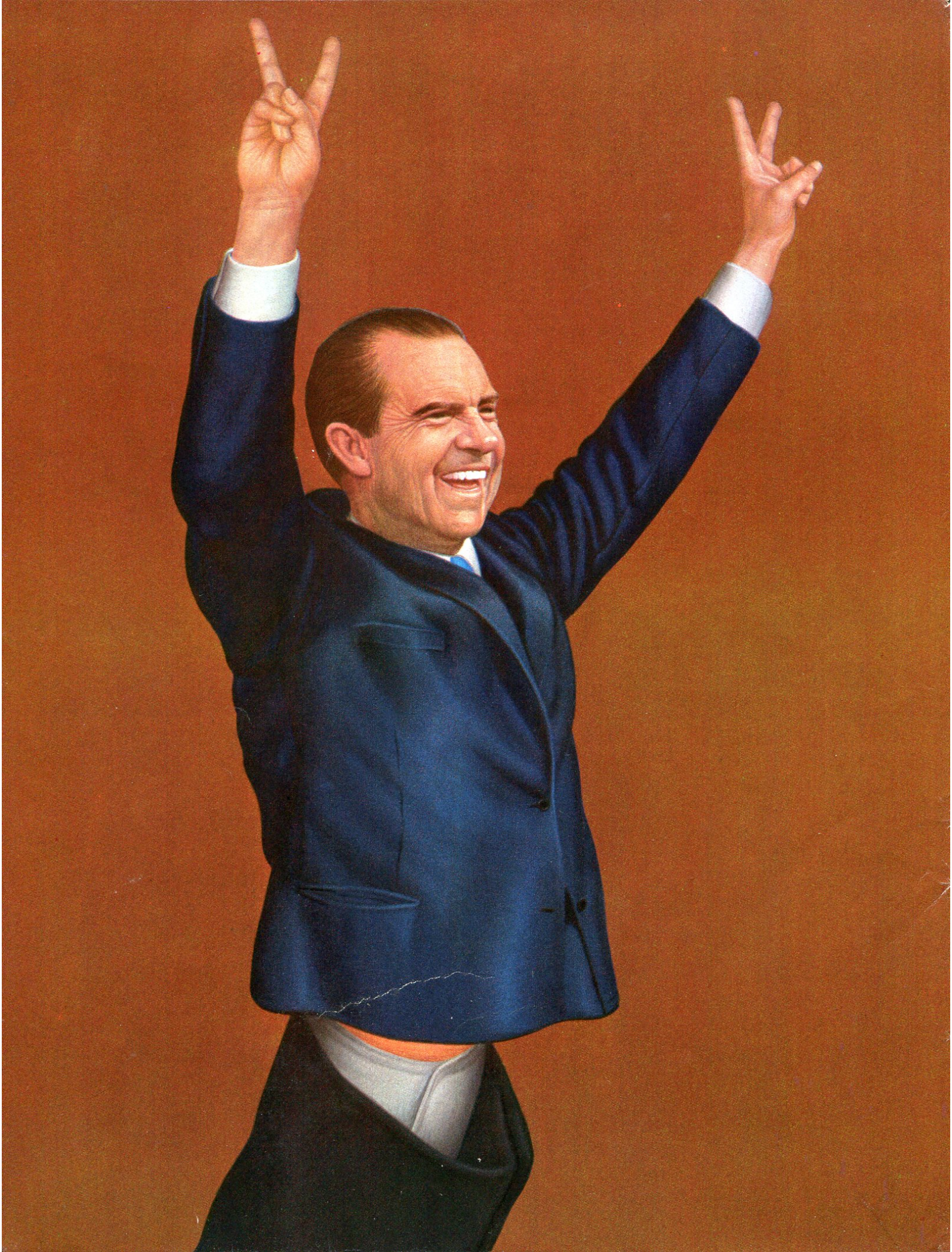


Foto tirada no primeiro e único castelo vitivinícola construído no Brasil - Château Lacave - Caxias do Sul.



O FANTOCHE...

QUEM GOVERNAVA DE FATO QUANDO NIXON ERA O PRESIDENTE?

L. DUBOIS E L. GONZÁLES

Na noite de 17 de julho de 1972, em pleno ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos, cinco pessoas foram apanhadas em flagrante delito de invasão na sede do Partido Democrata, no Edifício Watergate, em Washington. Das investigações que se seguiram à descoberta dessa operação de espionagem, e que revelaram as íntimas relações entre o grupo de invasores e a Casa Branca, resultou a prisão de importantes funcionários federais e a posterior renúncia do próprio presidente norte-americano, Richard Milhous Nixon.

Mudou o governo, os Estados Unidos passaram a ter, pela primeira vez em sua história, um presidente (Gerald Ford) e um vice (Nelson Rockefeller) que não haviam sido eleitos pelo povo para exercerem esses cargos, mas o caso Watergate, apesar de suas dramáticas conseqüências, jamais foi completamente esclarecido. E, de todos os mistérios que o envolveram, provavelmente o mais denso resida no fato de que, neste que se constituiu no arrombamento mais investigado de todos os tempos, nenhuma razão publicamente aceitável foi apresentada para a invasão em si.

Uma vaga noção de que um quinteto de marginais financiados pelo Partido Republicano tenha decidido obter certas informações na sede democrata, na calada da noite, e sem bater na porta, ainda é a versão mais aceita. Perdida na montanha de livros e filmes que descrevem a operação identificando precisamente quem fez o quê, ficou no entanto sem resposta a pergunta central: por que *isso aconteceu?*

Recentemente, alguns relatos – especialmente o de J. Anthony Lukas, Nightmare *(Pesadelo) – têm sugerido que tanto a organização de Howard Hughes como a CIA teriam ligações com o caso Watergate. E algumas peças do quebra-cabeças foram encaixadas durante as investigações do Congresso conduzidas pelo senador Sam Ervin. Mas o quebra-cabeças completo jamais apareceu, as peças aparentemente não se combinavam.*

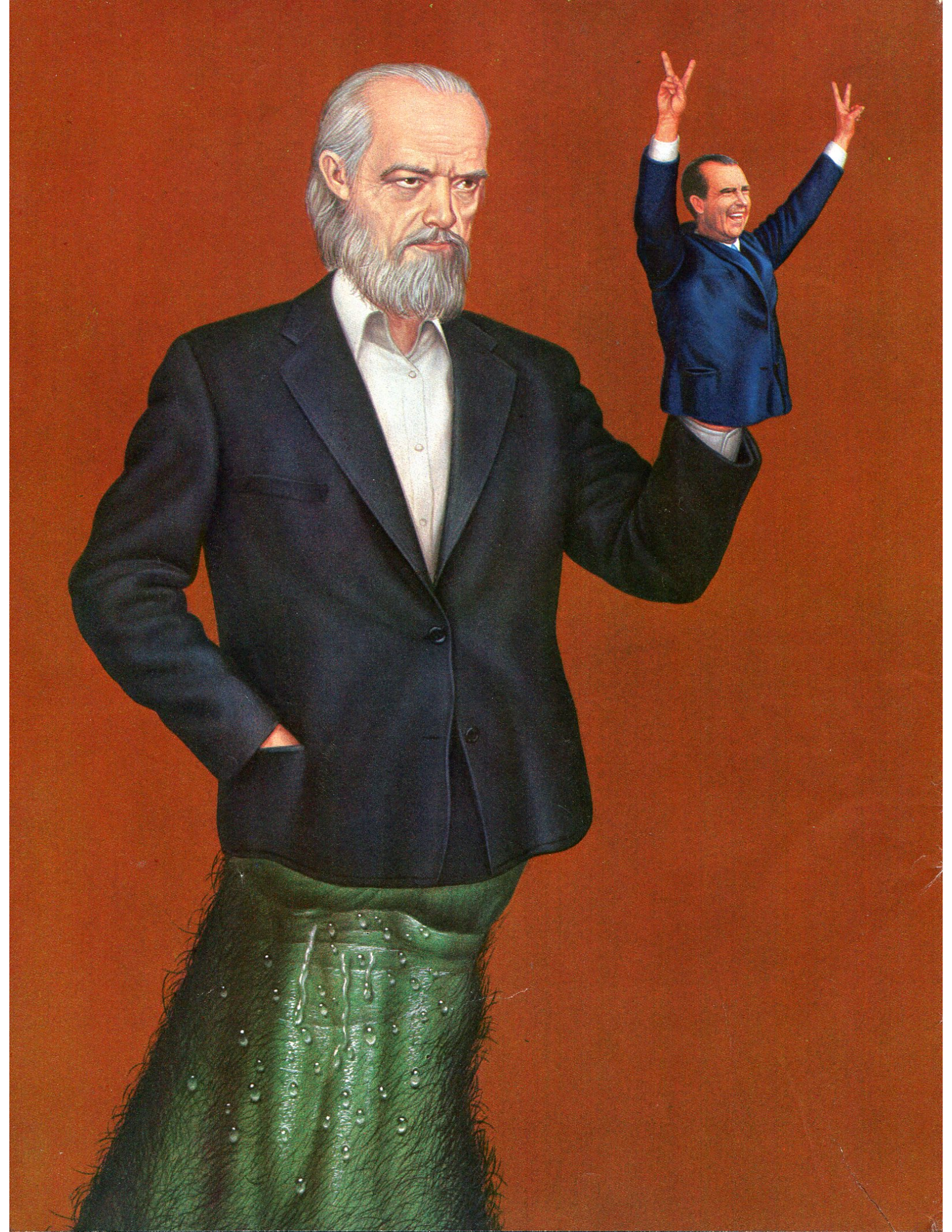
Uma série de circunstâncias levou Larry DuBois e Laurence Gonzáles – dois repórteres – e Hugh Hefner, presidente da Organização Playboy, a partir para um mergulho nos subterrâneos, tanto da Organização Hughes como da CIA, com o objetivo de levantar um quadro mais nítido do que foi Watergate. Contratados inicialmente para avaliar até que ponto Hefner estaria sob vigilância ilegal da CIA, DuBois e Gonzales acabaram descobrindo como as ligações entre Hughes e a CIA desembocaram no arrombamento de Watergate, conforme revelaremos nesta primeira parte de seu relato. Na segunda parte, que aparecerá em **Homem** *de novembro, simultaneamente com a revista* Playboy, *revelaremos as manobras decisivas que antecederam a invasão, as técnicas de acobertamento posteriormente empregadas, mostrando como a imprensa foi habilmente iludida em seus esforços para compor toda a história. Eis o relato de Larry DuBois e Laurence Gonzáles.*

° ° °

Anotações de um sobrevivente – No segundo semestre de 1975, um homem chamado Virgino González (nenhum parentesco com o repórter Laurence Gonzáles) prestou um depoimento num tabelião na Cidade do México, por motivos ainda não esclarecidos. No documento, jurado, ele afirma ser um ex-agente da CIA que fora incumbido pela "organização" de controlar as atividades de John Meier, um ex-executivo de Hughes. "No fim de 1971" escreveu Virgino, "recebi ordens para controlar Meier, sobre quem recebi também uma ficha completa. A ficha dizia que Meier viera de Nova York, falava de seus negócios anteriores, de como se unira a Howard Hughes e mencionava a avaliação que fizera dos testes *(nucleares)* realizados em Nevada. A mando de Hughes, Meier estava dando um bom calor na Comissão de Energia Atômica, a CEA."

Técnico em computadores e ecólogo, Meier, que trabalhara periodica-

ILUSTRAÇÃO/ERALDO CARUGATI



...E OS MANIPULADORES

AS RELAÇÕES SECRETAS ENTRE HUGHES, A CIA E WATERGATE

mente para Hughes desde 1959, fora mandado pelo milionário a Las Vegas para avaliar os problemas ambientais na região. É que, antes que se mudasse para Nevada, Hughes queria que Meier lhe desse um relato completo sobre os efeitos das provas atômicas realizadas na área de teste distante 150 quilômetros da cidade. Durante três dos quatro anos que Hughes lá morou, Meier foi seu conselheiro científico e um dos poucos empregados que tinham permissão para falar diretamente com o patrão. Hughes escolhera Meier para conduzir seus projetos pessoais, tais como a feroz campanha que movia contra os testes nucleares. Secretamente — sem que ninguém nem mesmo da Organização soubesse Meier dirigia também investigações nas áreas mais atraentes à delirante imaginação de Hughes: parapsicologia, LSD, misticismo, criônica (a ciência de congelar corpos humanos com o objetivo de despertá-los anos depois) e outros temas bizarros.

Em 1966, Meier fora agraciado com o título de Homem Aeroespacial do Ano. Em 1968, recebera um prêmio do governo de Nevada por suas conquistas técnicas no campo da computação de dados. Fora também membro do grupo de trabalho, organizado pelo presidente Nixon que estudava recursos naturais e ambientais. Era membro do grupo de consultores do jornal *The Manhattan Tribune,* do grupo de trabalho governamental sobre a Indústria do Jogo e, em 1971, fora escolhido como consultor especial sobre problemas ambientais pelo senador Mike Gravel, do Alasca.

Quando Virgino González terminou seu depoimento, uma cópia foi voando para Los Angeles. Lá, o advogado de Meier, Robert Wyshak, através de um telefonema anônimo, fora convocado para apanhar essa cópia num certo hotel, próximo ao aeroporto. Wyshak, um ex-promotor assistente dos EUA, com experiência como chefe da divisão de impostos do Distrito Central da Califórnia, constatou, com grande satisfação, que o documento era autêntico e que Virgino González estava dizendo a verdade ao revelar sua vigilância ilegal sobre Meier. Wyshak mandou uma cópia do depoimento para Meier e este, por sua vez remeteu outra cópia para Washington, onde deveria passar pela análise de um outro advogado. O despacho de Meier foi interceptado no caminho — pela CIA, provavelmente — de forma que Wyshak e seu cliente decidiram registrar o documento na Corte Federal do Distrito de Nevada.

Wyshak forneceu uma cópia do depoimento à revista *Playboy* por recomendação escrita do próprio Virgino González.

O Comitê Senatorial sobre Inteligência (ou Serviço Secreto) não foi capaz de localizar González nem de confirmar sua ligação com a CIA, e recebeu o documento com reservas. Nós mesmos nunca encontramos González mas nos aproximamos de fontes que afirmam terem tido contato com ele, inclusive um escritor que o teria entrevistado a respeito de suas atividades na CIA. A autenticidade do documento ainda permanece dúbia, mas há fortes provas circunstanciais de que a CIA realmente espionou Meier, como disse González.

O que começou para nós como uma tentativa de determinar a extensão da vigilância ilegal da CIA sobre Hugh Hefner, o fundador de *Playboy,* acabou, aos poucos, se transformando numa investigação sobre a própria CIA. A busca conduziu-nos diretamente para as Organizações Hughes, de onde transpiraram as histórias sobre a decisiva participação do magnata tanto na ascensão como na queda de Nixon, e sobre como a CIA gradualmente transformara as empresas de Hughes em sua grande fachada legal. Mais: tínhamos indícios de que essas inter-relações eram todas parte do motivo da invasão do Edifício Watergate.

° ° °

John Meier é agora um fugitivo do governo americano, vivendo com sua família na Colúmbia Britânica, Canadá, protegido por uma permissão de imigração que lhe foi concedida pelo governo canadense. Tem como meio de vida um trabalho de meio período de

consultoria para o governo local e para organizações particulares, enquanto continua em sua demanda. As razões de sua fuga se prendem a uma complexa questão legal envolvendo impostos sobre dinheiro que supostamente teria ganho trabalhando com Howard Hughes, em negócios de mineração. A imprensa raramente mencionou seu nome, e todos os relatos que apareceram a seu respeito referiam-se exclusivamente a essa questão dos impostos. Daí a nossa desconfiança inicial em relação a Meier. Mas as quase cem horas de entrevistas que tivemos com ele e as centenas de documentos obtidos por *Playboy* ao longo de um ano de investigação não deixam dúvidas: a respeito de seu papel nos eventos que levaram a Watergate, Meier está dizendo a verdade, e sua capacidade de precisar detalhes rivaliza com a de John Dean, o funcionário da Casa Branca que se tornou famoso pela minúcia de seu depoimento nas investigações realizadas sobre Watergate.

Numa recente entrevista conosco, Meier declarou: "Estou plenamente convencido de que a razão básica para o arrombamento de Watergate não foi a busca de algo comprometedor a respeito de McGovern. O que se queria descobrir era o que eu andava falando com os amigos de Larry O'Brien (o presidente, na época, do Partido Democrata) sobre Donald e Richard Nixon e Hughes, e se isso seria usado antes das eleições. *Eles* sabiam que os Nixon haviam desempenhado um papel fundamental para que Hughes obtivesse a concessão da companhia aérea Air West, e sabiam também que Hughes estava servindo como cobertura para a CIA. Além disso, tinham conhecimento de meus contatos com esquerdistas, democratas, o pessoal de McGovern — gente, enfim, que apavorava tanto a CIA como a Casa Branca."

° ° °

Meier, agora com 42 anos, é um homem ativo, quase obsessivo, que manteve um meticuloso diário de seus anos com Hughes. Em seus seis arquivos há centenas de memorandos manuscritos de e para Howard Hughes, bem como memorandos internos da Casa Branca, cartas de várias autoridades governamentais e relatórios preparados para Hughes. Todo telefonema que Hughes recebeu, todo número de vôo, todos os encontros dessa época estão anotados claramente em dezenas de fichários com lombadas de couro. Uma das razões para que Meier anotasse esses dados era que os vôos, os telefonemas e os encontros se referiam aos contatos de Meier com alguns dos mais ricos e poderosos homens do mundo. Ele foi, por exemplo, o elemento de ligação entre Hughes e outro milionário recluso, D. K. Ludwig[1].

A LIGAÇÃO ENTRE NIXON E HUGHES COMEÇOU PELO MENOS EM 1946

Esses documentos e o próprio relato de Meier trouxeram o elo que faltava aos dados esparsos que ficaram soterrados debaixo da massa de informações gerada pelo episódio Watergate. O quadro que aparece então mostra a Organização Hughes intimamente envolvida com a política americana, dentro e fora da Casa Branca. Mostra a progressiva fusão entre a Organização Hughes e a CIA, a tal ponto que começa a ficar difícil determinar-se onde acaba uma e começa a outra.

Quando Meier foi processado, em 9 de agosto de 1973, procurou trocar sua história pela absolvição. Ofereceu seu testemunho ao Comitê sobre Watergate e foi interrogado durante treze horas, nos dias 13 e 22 desse mês para que os investigadores pudessem decidir se aceitavam ou não o seu depoimento oficialmente. De acordo com a transcrição dessas sessões, Meier perguntou aos investigadores: "Por que não pôr as cartas na mesa a respeito de Hughes, Nixon e *Bebe* Rebozo [o amigo íntimo de Nixon]? Fui prensado pelo Imposto de Renda e por Hughes. Eu lhes contei que John Ehrlichman [assessor de Nixon] fez escuta de meus telefonemas e pôs o pessoal do Imposto atrás de mim. Eu não tenho atrás de mim nem a organização que o presidente tem, nem o dinheiro de Hughes. Estou lutando é por minha vida e por minha família"

O nome de Meier aparece disperso ao longo do relatório do Senado a respeito de Watergate, mas ele nunca foi chamado a testemunhar. Sua história pareceu confusa aos investigadores e decidiram negar-lhe o pedido. Mas permanece o fato de que os grandes alvos da investigação tinham indiscutíveis ligações com Hughes — que explicaremos detalhadamente mais adiante:

- O promotor geral John Mitchell, alterando uma decisão anterior da Divisão Antitruste, deu a Hughes a permissão para comprar mais cinco cassinos, além dos que o milionário já possuía.
- Bebe Rebozo foi o portador da hoje famosa contribuição de 100 mil dólares feita por Hughes para o ex-presidente.

Meier tentou demonstrar aos investigadores de Watergate que poderia ser uma testemunha útil: "Quero provar minhas afirmações" disse ele, "não quero simplesmente dizer que tenho a sensação de que Richard Nixon tem dinheiro nas Bahamas[2]. O que eu quero dizer é *o que* me contaram e *quem* me contou. São acusações sérias, das quais não quero ficar falando genericamente, sem provar"

Nesta altura, um dos investigadores, Scott Armstrong — que posteriormente foi um dos co-autores de *Os Dias Finais,* juntamente com Bob Woodward e Carl Bernstein — respondeu a Meier: "Nós não estamos procedendo a uma investigação sobre a 'Summa' (a *holding* de Hughes), nem sobre Hughes. Nosso inquérito é sobre a campanha eleitoral de 1972" Era como pesquisar o câncer pelo telefone.

O relacionamento entre Hughes e Nixon remonta, pelo menos, a 1946. Nixon, na época, estava contratado pela Marinha para livrá-la de contratos que houvessem perdido o interesse com o fim da Segunda Guerra Mundial. Uma de suas últimas tarefas consistia em liquidar o contrato com os hidroaviões de Hughes, os "Spruce Goose" Nixon tinha uma considerável influência, podendo decidir não apenas o próprio destino do avião mas também a proporção dos prejuízos decorrentes da interrupção de sua fabricação, que seriam absorvidos pela Marinha.

As negociações resultaram excepcionalmente boas para Hughes. Não apenas ganhou dinheiro como também foi-lhe permitido ficar com a licença para a produção do avião, um dos seus projetos mais elogiados. Segundo Hug-

[1] *Daniel Keith Ludwig, um americano de Michigan, de 79 anos; com a morte de Onassis, Getty e Howard Hughes, talvez seja hoje o homem mais rico do mundo, mantendo negócios em 23 países e empregando 40 mil pessoas. No Brasil, é detentor de 3 milhões de acres no Estado do Pará onde está implantando o gigantesco "Projeto Jari" um complexo agro-industrial-pastoril com investimentos superiores a um bilhão de dólares.*

[2] *A referência é a Robert Vesco, um financista que, após desviar pelo menos 224 milhões de dólares de uma companhia chamada International Overseas Services (IOS), fugiu para as Bahamas. Posteriormente, parte de sua contribuição secreta de 50 mil dólares para a campanha de Nixon em 1972, foi usada no financiamento da invasão de Watergate.*

hes, os avanços técnicos desenvolvidos nesse hidroplano é que tornaram possíveis os projetos do 747.

Outra data-chave no relacionamento Hughes-Nixon é 1956. Nesse ano, quando Nixon era vice-presidente, Hughes emprestou 205 mil dólares para que o irmão de Nixon, Donald, salvasse sua cadeia de restaurantes, então às portas da falência. Para Hughes, dar dinheiro em troca de potenciais favores políticos não era uma novidade. Logo após esse empréstimo — numa inquietante coincidência —, o Instituto Médico Hughes foi subitamente beneficiado com uma isenção de impostos que, durante três anos, fora recusada pela Divisão do Imposto de Renda. Por razões óbvias, o empréstimo a Donald Nixon foi mantido em segredo. Mas quatro anos depois, uma semana antes da eleição, em 1960, em que Kennedy concorria com Nixon, o colunista Drew Pearson conseguiu a história e a publicou. A notícia correu o país e Nixon e seus amigos acreditam que foi exatamente essa história que ajudou Kennedy a derrotá-lo.

Em 1962, Nixon se candidatou a governador da Califórnia. A história do empréstimo voltou então à baila e Nixon foi convocado a explicá-la publicamente: novamente perdeu. Duas vezes, portanto, as ligações entre Nixon e Hughes tiveram repercussões políticas, pelo menos na opinião do próprio Nixon e de seus amigos.

Em 1968, Nixon se candidatou de novo à Presidência. Hughes se mudara para sua suíte de cobertura no Desert Inn de Las Vegas. E os arquivos de Meier estão cheios de fotocópias de memorandos desse período. Neles, percebe-se que Hughes não media palavras quando instigava seus auxiliares a atingirem as metas que estabelecia. Referindo-se às contribuições a políticos, nesse ano por exemplo, assim escreveu a Robert Maheu, seu chefe de operações em Nevada: "Quero que você vá ver Nixon como meu emissário especial e confidencial. Sinto que há uma possibilidade real e válida de uma vitória republicana neste ano. Se isso puder ser alcançado com o nosso patrocínio e supervisão em cada palmo do caminho, então estaremos devidamente preparados para fazer de Laxalt (governador de Nevada na época) o nosso próximo candidato"

Documentos aparecidos durante alguns dos processos judiciais movidos contra Hughes demonstram que, na época, ele queria quatro coisas, pelas quais estava disposto a desembolsar enormes recursos:

1. Queria escolher um candidato presidencial próprio para financiá-lo "completamente"

2. Queria obter a concessão de uma linha aérea. Fora forçado a abrir mão da TWA, mas a aviação sempre permanecera como sua primeira paixão. A Air West estava à venda e ele estava decidido a comprá-la.

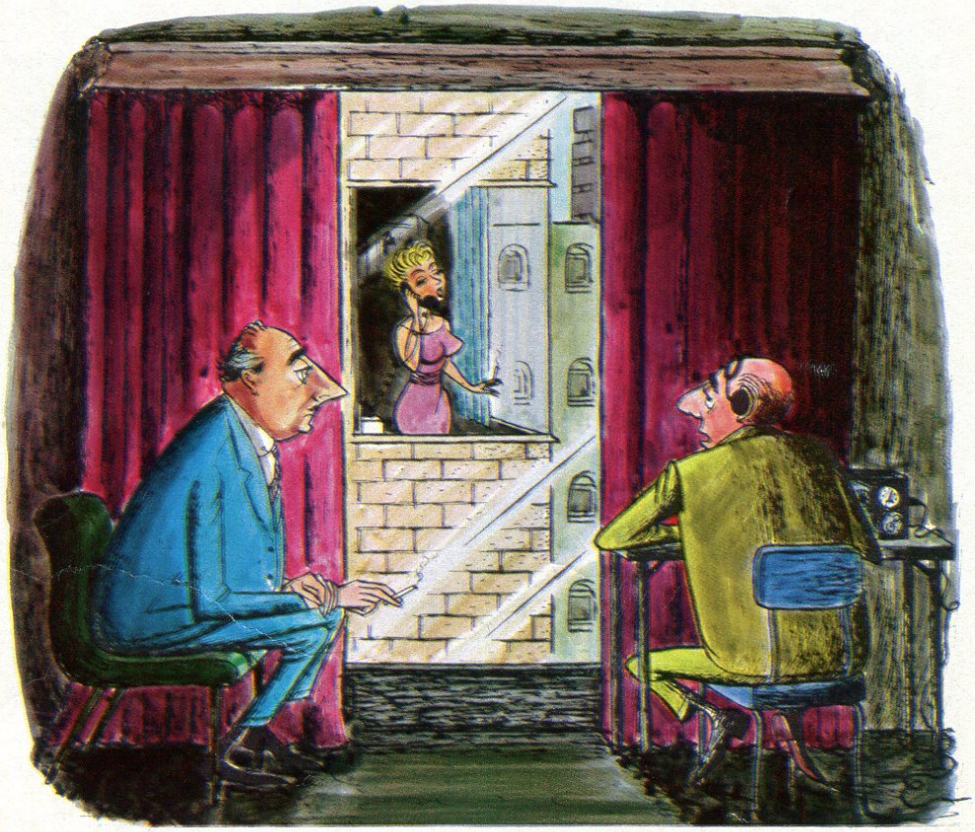
3. Queria expandir seu império em Las Vegas. Comprara cinco cassinos e o Departamento de Justiça estabelecera que não poderia ampliar essa rede sem violar a Lei Antitruste. Segundo Hughes, "a lei que se danasse"

4. Com uma fúria que beirava o patológico, queria que a Comissão de Energia Atômica parasse com os testes nucleares subterrâneos que haviam causado um ligeiro abalo em seu hotel, o Desert Inn. Hughes ficara aterrorizado com o tremor e se convencera de que o hotel acabaria caindo. Estava tão certo disso que, em 1967 numa clara demonstração de sua atitude em relação ao governo, mandara seu principal assessor em Nevada, Robert Maheu, até a fazenda de Lyndon Johnson, em Pedernales, no Texas, para oferecer ao presidente 1 milhão de dólares em dinheiro, caso este pusesse termo aos testes atômicos (Maheu nega ter executado essa incumbência revelada por Meier).

Em abril de 1968, Hughes mandou que Meier gastasse 10 ou 20 milhões de dólares, se necessário, para reembolsar o pessoal da CEA (Comissão de Energia Atômica) de suas despesas extras e convencê-lo a cancelar a detonação de uma bomba de 1,2 megatons, a mais potente jamais explodida em Nevada até aquela época. Meier recusou-se a apresentar a oferta e Hughes passou o dia todo da explosão escondido debaixo da cama.

A conquista de Nixon: *Posso fazer ou derrubar qualquer um* (Howard Hughes) — Da lista de Hughes, os últimos três itens poderiam ser mais facilmente conquistados uma vez alcançado o primeiro. A princípio, Maheu havia convencido Hughes de que Hubert H. Humphrey seria a pessoa indicada para dar um jeito na CEA. Numa carta a Maheu, datada do começo de 1968, Hughes escreveu: "Só há um homem capaz de chegar ao que queremos através de Johnson — e esse homem é HHH. Por que não levamos uma palavra a ele, na base da máxima segurança e do máximo segredo, informando que estamos dispostos a lhe dar um apoio completo e sem limites para sua campanha presidencial, contanto que ele nos ajude nessa causa?"

Verificou-se posteriormente que Humphrey não estava disposto a embarcar cegamente no projeto de Hughes. Queria primeiro informações técnicas — conclusivas provas científicas de que os testes eram tão nocivos e peri-



– Ela está contratando uma agência de detetives para vigiar você e eu

gosos como Hughes afirmava. O milionário, porém, estava pouco se lixando para provas. Queria, como recomendou a Meier, que a questão fosse tratada como uma "simples compra de um hotel" Esta filosofia, quando aplicada na obtenção de um favor político, chama-se suborno, corrupção.

Hughes escolheu Nixon para ser subornado. Os 100 mil dólares que deu a ele através de Rebozo foram bastante mencionados durante a investigação de Watergate. Cinco semanas após essa "contribuição" Hughes ganhava o contrato secreto para a construção do navio Glomar, para a CIA.

° ° °

O total das "contribuições" de Hughes talvez nunca a venha ser conhecido, mas sua generosidade foi, sem dúvida, recompensada. A história dessa contribuição via Rebozo começa em abril de 1968; com Johnson na Casa Branca, Hughes decidira ampliar sua rede de cassinos, mas fora impedido por uma decisão judicial. Temporariamente abandonou seus planos de expansão, recuou e reagrupou-se para um novo ataque. Em fevereiro de 1969, poucas semanas antes da posse de Nixon, Hughes contratou Richard Danner e colocou-o na direção do Frontier Hotel. Na verdade, sua intenção era usar Danner para chegar até Nixon através de Rebozo.

De acordo com seu depoimento na investigação Watergate, Danner retirou 50 mil dólares em notas de 100 do cofre do Frontier e deu o dinheiro para que Rebozo o passasse a Nixon — uma contribuição eleitoral, como disse Danner. Hughes retomara suas idéias de expansão, e mandou primeiro que Danner fosse procurar o promotor geral John Mitchell. Mitchell, em contato com o chefe da Divisão Antitruste, Richard McClaren, reiterou a proibição da ampliação da rede de cassinos. Era uma sentença judicial cuja alteração poria em ridículo a própria Divisão. Isso porém pouco importava para Howard Hughes.

A 19 de março de 1969, apenas dois meses após a posse de Nixon, Danner teve um novo encontro com John Mitchell durante o qual foi informado de que não haveria objeção à compra de novos cassinos. Posteriormente, na campanha para a reeleição de Nixon em 72, Danner faria uma nova contribuição eleitoral de 50 mil dólares através de Rebozo, com dinheiro retirado do Silver Slipper Cassino.

A aquisição da Air West também foi envolvida numa troca de favores. Hughes recomendou que Meier mantivesse Donald e Richard Nixon "felizes" que eles acabariam conseguindo a compra da linha aérea. De fato, contra decidida oposição de burocratas do setor, Nixon pessoalmente deu o OK para a transação. Contra ela também estavam a Direção da Aeronáutica Civil e a Comissão de Segurança, ambas acenando com o anterior fracasso de Hughes quando no controle de outra linha aérea, a TWA.

AS EMPRESAS HUGHES NÃO PASSAVAM DE UMA FACHADA PARA A CIA

Acontece que Rebozo, instruído por Danner, havia concluído um "acordo com o presidente" pelo qual Hughes poria termo à sua campanha contra os testes atômicos em troca da concessão da Air West. Era um acordo duplamente interessante para Hughes na medida em que a Comissão de Energia Atômica já havia decidido transferir seus testes para o Alasca — e tudo que interessava a Hughes era que as provas parassem mas em Nevada.

A profundidade das relações entre Nixon e Hughes era um segredo mesmo entre os altos escalões da Casa Branca, e o presidente tomaria uma série de medidas para manter o sigilo. Afinal, depois de uma carreira cheia de obstáculos, a última coisa que poderia interessar a Nixon era que fosse revelada sua íntima conexão com Howard Hughes.

A aliança das forças ocultas — *Hughes estava ansioso para aliar-se à CIA, pois isso o poria a salvo de investigações por parte de outras agências do governo.* (Robert Maheu)

No começo de 1975, os jornais saíram com manchetes denunciando que a Hughes Air Craft, além de estar construindo satélites para espionagem, era uma organização de fachada da CIA, tendo em altos postos alguns importantes funcionários da Agência. Na verdade, já em 1959, Maheu recebera a aprovação de Hughes para executar um dos mais caros planos da CIA, a frustrada tentativa de assassinar Fidel Castro, articulada pelos gangsters Sam Giancana e John Roseli.

A afinidade entre Hughes e a CIA era mais ou menos inevitável — de um lado, o mais secreto dos milionários americanos; de outro, a mais secreta extensão do governo dos EUA. Logo a Hughes Air Craft (HAC) tornou-se um dos maiores fornecedores de material eletrônico para o governo. Começou produzindo um sistema de controle de fogo, em 1948, mas durante a Guerra da Coréia já era o único fornecedor desse tipo de sistema para os interceptadores da Força Aérea. Mais recentemente, a HAC foi a responsável pela montagem de todo o sistema de defesa terrestre de países como o Japão, a Bélgica, a Suíça e também das forças da OTAN.

Durante anos, a Hughes Tool Company (vendida pelo magnata em 1972) manteve um virtual monopólio no fabrico de brocas para a prospecção de petróleo. Com isso, onde quer que alguém estivesse abrindo um poço, a informação chegava diretamente à CIA, dando aos Estados Unidos um invejável conhecimento sobre os recursos naturais de outros países.

De acordo com a revista *Time,* durante as últimas décadas, Hughes recebeu pelo menos 6 bilhões de dólares em contratos secretos com a CIA.

Mesmo o aparentemente humanitário Instituto Médico Hughes tinha ligações com a Agência. Pressionado pela Força Aérea, Hughes havia passado as ações da HAC para o Instituto, ficando com o controle exclusivo deste, uma fundação que não pagava impostos. E, de acordo com o depoimento de John Meier, o presidente do Instituto, Ken Meier, lhe havia confessado, em março de 1969, que a fundação nada mais era do que uma fachada para a CIA, fazendo pesquisas científicas apenas como despiste. Ainda segundo Meier, o Instituto havia arrendado Cay Sal, uma ilha deserta nas Bahamas, a apenas 40 quilômetros de Cuba, para servir como base secreta de treinamento para a CIA. "A HAC (de propriedade do Instituto Médico Hughes) é uma companhia cativa da CIA" declarou um alto oficial do Pentágono citado pela revista *Time.* "Seus interesses estão completamente fundidos."

Howard Hughes havia declarado certa vez que legaria toda sua fortuna, após a morte, ao Instituto Médico. Dessa forma todo seu império passaria direta e secretamente para as mãos da CIA. E a CIA, no controle de uma organização que não tinha que prestar contas ao Imposto de Renda, poderia então empreender o projeto que quisesse, sem dar satisfação de suas verbas, através dos canais legais das Organizações Hughes.

O que tornava essa e outras empresas de Hughes tão atraentes para a CIA era o fato de que o milionário era praticamente o único proprietário de todas

elas sem ter, portanto, obrigação de dar satisfações a outros acionistas. E o que atraía Hughes para a CIA, além do dinheiro dos contratos, era o notório anticomunismo do magnata. E à medida em que Hughes se tornava o mais importante fornecedor da Agência, mais e mais funcionários graduados da CIA foram sendo incorporados a sua organização. Hughes chegou mesmo a contratar um general de três estrelas, Ed Nigro, na esperança de que seus contatos com o Pentágono "mantivessem viva a guerra do Vietnam" de forma que a HAC pudesse vender mais helicópteros.

John Meier teve conhecimento desse envolvimento em 1968. Em agosto desse ano, Maheu pedira-lhe que usasse seus conhecimentos no Equador para abrir certas portas para Michael Merhage, um executivo recentemente admitido pelas Organizações Hughes. Com esse objetivo, Meier voou para Quito onde preparou o caminho para Merhage usando seus influentes contatos no governo equatoriano. Ao voltar a Las Vegas, Meier teve uma conversa com Merhage na qual este confiantemente ressaltou a importância de sua missão no Equador *para a CIA*. Aparentemente Merhage não tinha dúvidas de que Meier já soubesse de sua condição de agente secreto. E, no entanto, até então, Meier de nada desconfiava!

Outra indiscrição mais grave por parte de Merhage aconteceu ainda em Las Vegas, quando o agente forneceu a Meier uma lista de políticos que a CIA pretendia subornar através das Organizações Hughes. Da lista fazia parte o atual presidente Gerald Ford, então um congressista por Michigan. Foi-nos impossível descobrir o porquê da escolha de cada nome e nem se os políticos relacionados tiveram conhecimento das intenções da CIA. Mas a própria existência da lista é bem uma demonstração do tipo de filosofia que orientava a Agência — e Hughes — em relação à política interna.

Um golpe no império — Claro que todas essas operações exigiam um sigilo absoluto e, por algum tempo, o esquema de segurança foi perfeito. Mas em novembro de 1970, uma série de acontecimentos bizarros abriu algumas brechas na couraça de segredo que protegera a associação Hughes-CIA durante anos. Talvez o que aconteceu exatamente em novembro de 1970, permaneça para sempre como um mistério. Mas a data é crucial para começarmos a entender o episódio Watergate e seus desdobramentos.

Uma crise interna vinha fermentando nas Organizações Hughes desde a mudança de Howard para Las Vegas em 1966. Durante seus anos em Nevada, o controle do cidadão Hughes sobre as empresas Hughes foi diminuindo gradualmente. Com o dinheiro da venda da TWA — quase 550 milhões de dólares — Howard montara a sua Operação Nevada, no comando da qual colocara Maheu. Mas o restante do Império Hughes ficara sob controle de três pessoas de fora de Nevada. Uma mulher chamada Nadine Henley, que fora secretária particular de Hughes, havia nomeado Ken Wright, seu ex-chofer, para presidente do Instituto Médico, sob o compromisso de estrita fidelidade do ex-motorista para com a ex-patroa, acima de tudo.

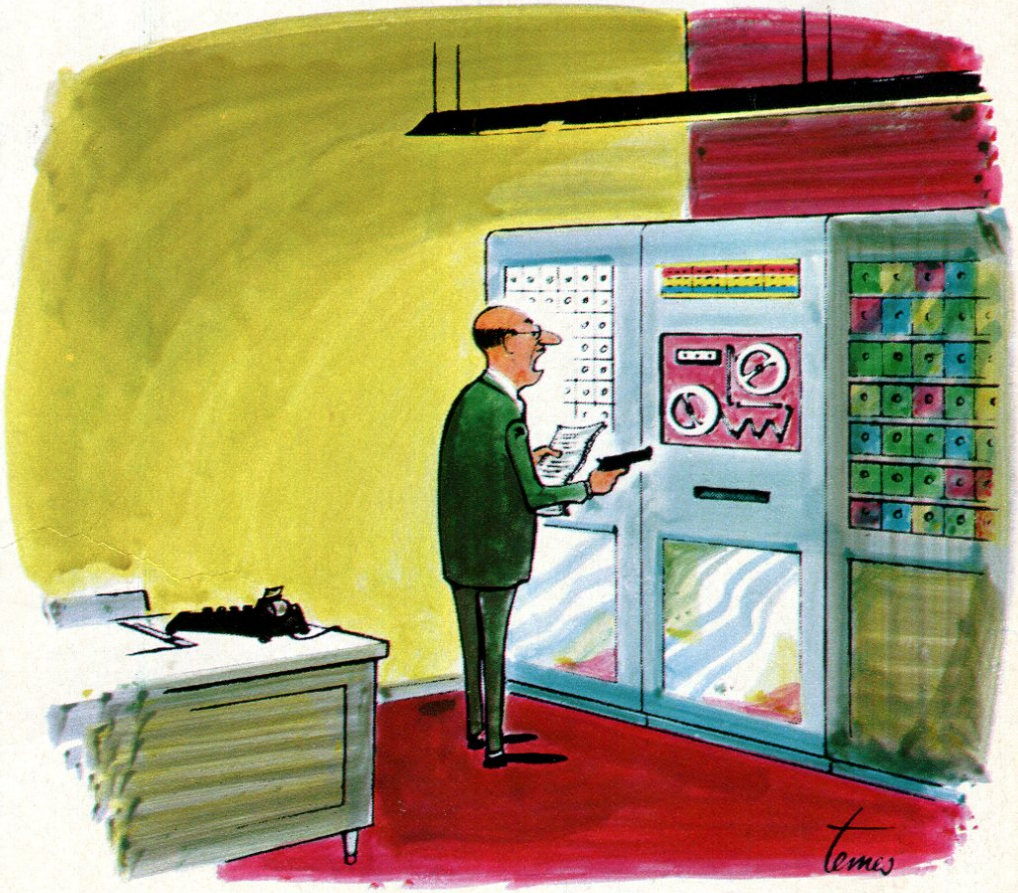
Na Califórnia, a Hughes Tool Company estava sob controle de um mórmon chamado Frank W. "Bill" Gay. Até chegar a este posto de comando, Gay percorrera uma longa carreira que começara com um modesto emprego como administrador das garagens de Howard Hughes. Fora também responsável pela contratação dos serviçais mórmons que rodeavam o magnata e que controlavam o fluxo de informações de e para a suíte de Hughes. Publicamente, Gay se apresentava como uma espécie de filho do milionário.

De Nova York, um advogado chamado Chester C. Davis se incumbia da maioria das questões judiciais que envolveram as Organizações Hughes, entre as quais sua batalha legal de doze anos pela manutenção da TWA.

Davis, Henley e Gay haviam ganho o controle sobre o Império Hughes fora de Nevada, mas não tinham proximidade com o chefe. Hughes dirigia sua Operação Nevada por meio de Maheu com quem mantinha contato através de memorandos e telefonemas. E as ambições de Maheu representavam uma séria ameaça ao poder de Davis, Henley e Gay. Outra das poucas pessoas que tinham permissão para falar regularmente por telefone com Hughes era John Meier. Ele era o outro poderoso de Las Vegas pois enquanto Maheu dirigia a Operação Nevada, Meier era o responsável pelos projetos pessoais do chefe. Mais: fora fundamental na conquista da Air West, em vários negócios de mineração, e no delicado relacionamento com Donald Nixon.

Em novembro de 1969, porém, Meier demitiu-se da Organização oficialmente, embora continuasse a trabalhar secretamente para Hughes.

No começo de 1970 Hughes estava seriamente doente após quase ter morrido em novembro do ano anterior. Sua saúde vinha piorando desde sua miste-



– *Você sabe demais!*

riosa operação de 1966, em Boston, depois da qual se mudara para Las Vegas. Agora seu peso estava abaixo dos 50 quilos, sofria de anemia e de pneumonia, e sua contagem de hemoglobina estava baixíssima, o que lhe dava crises alternadas de euforia e de comportamento desconexo. Por alguma razão desconhecida, mesmo nessas condições, Hughes permaneceu em sua suíte. Seus telefonemas e memorandos para Maheu e Meier, que vinham rareando desde setembro, pararam de vez em meados de novembro. E então, por volta do dia 26 de novembro de 1970, Hughes desapareceu.

Como já foi dito anteriormente, o que aconteceu nesse dia talvez se constitua num mistério que jamais será esclarecido. Segundo os criados, Hughes, muito bem disposto, partira em viagem. Segundo outras versões, extremamente depauperado, o magnata teria sido seqüestrado. John Meier sustenta, porém, que, o que quer que tenha acontecido nesse dia com Hughes, aconteceu independentemente da vontade do milionário.

Nem Maheu soube do desaparecimento de Hughes até o dia 4 de dezembro: numa operação que lembra os golpes latino-americanos, um grupo de agentes invadiu o escritório de Maheu e literalmente atirou-o, bem como a seus auxiliares, no meio da rua, trancando em seguida os arquivos e assumindo o controle da Operação Nevada em nome de Gay, Davis e Henley.

Maheu ficou convencido de que Hughes fora seqüestrado, e para tanto tinha bons indícios. Sabia que Gay não estava mais nas boas graças de Hughes, apesar de sua imagem pública de "quase filho" Quanto a Davis, Hughes já manifestara a Maheu sua intenção de tirá-lo da questão da TWA, passando-a para a responsabilidade do chefe da Operação Nevada. O fato foi comunicado a Davis que tratou de contra-atacar. A 14 de novembro de 1970, preparou um documento pelo qual a Operação Nevada passaria para o seu controle e de Gay. Na tarde desse dia, de acordo com o depoimento de Levar Myler e Howard Eckersley, dois dos serviçais mórmons de Hughes, o documento foi levado para ser assinado pelo próprio Hughes. Myler serviu como testemunha e Eckersley, um notário público, autenticou o documento, dando-lhe valor legal. Ambos haviam sido contratados por Gay

Pouco depois do golpe em Nevada, Gay e Davis deram a público um novo documento de Hughes no qual este reiterava sua disposição de afastar Maheu. Esta declaração começava com "Caros Chester e Bill" e estava assinada por Howard R. Hughes. Nas páginas do documento apareciam ainda as impressões digitais de Hughes. Isso pareceu extremamente suspeito para Maheu. Primeiro porque Hughes jamais começava seus memorandos por "Caro fulano" Depois, porque a assinatura que costumava usar em mensagens pessoais era "Howard" ou simplesmente "H" Mais: o perito da polícia que examinou as impressões digitais foi incapaz de formular uma hipótese sobre a posição em que as mãos de Hughes poderiam estar para deixar tais marcas.

O QUE HAVERIA EM WATERGATE? ERA PRECISO INVADIR O EDIFÍCIO.

Uma Dupla Perigosa — De qualquer forma, parecia claro tanto para Meier como para Maheu, que o velho chefe já não dominava mais a situação. E as hostilidades que sofreram, praticadas em nome de Hughes, transformaram-nos imediatamente em ressentidos inimigos do novo poder. Juntos, Maheu e Meier dispunham de suficientes informações para abalar toda a estrutura que envolvia a Casa Branca de Nixon, o Império Hughes, a CIA e políticos de ambos os partidos que se haviam ligado com o magnata de forma não muito ortodoxa.

Ironicamente, a primeira reação da Casa Branca ao motim na Organização Hughes foi de puro júbilo. Afinal, Maheu havia entregue a conta de relações públicas de Hughes em Washington a Larry O'Brien, então presidente nacional do Partido Democrata. E com a queda de Maheu, caía também O'Brien, sem dúvida, um adversário da republicana Casa Branca. A gorda verba para relações públicas de Hughes passou então imediatamente para as mãos de Robert F. Bennet que, como Bill Gay, era um mórmon de Utah. Bennet era dono da Mullen and Company, uma empresa que servia como organização de fachada para a CIA e que tinha entre seus empregados E. Howard Hunt, um dos personagens de Watergate.

Tudo parecia caminhar bem, mas havia ainda a preocupação sobre o que poderia vir a ser revelado por parte de Maheu e O'Brien. A Casa Branca procurou então levantar as ligações de Hughes com O'Brien para expô-las publicamente e assim desmoralizá-lo. Mas logo verificou-se que a troca de comando no Império Hughes representava mais ameaças para a Casa Branca do que para o seu adversário democrata. E Maheu e Meier se encarregariam de materializar essas ameaças.

Era sem dúvida uma estranha dupla essa que se dispunha a destruir o novo governo Hughes. Maheu era um ex-agente do FBI que trabalhara para a CIA, embora constasse na folha de pagamentos de Hughes. Maheu fora fundamental na fusão das atividades da Agência com os interesses das Organizações Hughes. Já Meier era um especialista em computação, um homem muito mais interessado em despoluir o ar do que em plantar agentes secretos em outros países.

Maheu começou levando a juízo suas reclamações contra o golpe que sofrera nas Organizações Hughes. Meier, por sua vez, começou a fazer contatos com seus amigos — liberais, democratas, jornalistas — pondo-os a par de transações secretas como a da Air West. Tanto Maheu como Meier entrevistaram-se com o colunista Jack Anderson. Este divulgou o conteúdo de suas conversações pelos jornais e o efeito foi ainda mais devastador do que o causado por Drew Pearson, que fizera a revelação sobre o empréstimo de 1956. Entre outros méritos, Anderson foi o primeiro a pôr em letra de imprensa o pagamento dos 100 mil dólares feito a Nixon através de Rebozo.

A reação da Casa Branca a esta e outras informações veiculadas por Anderson foi de pânico total. E ninguém tinha dúvidas de que a fonte dessas revelações era Larry O'Brien. Ao longo do ano de 1971, a tensão foi aumentando. Maheu e Meier falavam cada vez mais. A situação era cada vez mais preocupante tanto para a CIA como para a Organização Hughes e especialmente para a própria Casa Branca.

No começo de 1972 veio a público a história da fraudada "autobiografia" de Hughes preparada por Clifford Irving. O fato instigou Hughes — ou um homem que se fazia passar por ele — a dar um inesperado telefonema transmitido diretamente por uma cadeia de televisão, denunciando a falsidade da obra. A razão para que se suspeite sobre a identidade do homem que fez a ligação se apóia no fato de que ele não soube responder a uma série de perguntas sobre assuntos pessoais formuladas por jornalistas que, supostamente, haviam tido contato com Hughes antes de sua reclusão. A certa altura, porém, a voz disse: "Maheu me

roubou" o que levou o acusado a mover uma ação de 17 300 dólares, por difamação, contra a "Summa" No curso desse processo, o enfurecido Maheu começou a revelar novos dados sobre o inter-relacionamento entre Hughes e a CIA:

- Apresentou uma gravação de um telefonema dado por Hughes no qual o milionário, ao se referir a uma possível mudança para as Bahamas, dizia: "Se isso tiver que ser feito, espero que você envolva o governo de uma tal forma que, bem, que se torne uma entidade cativa em todos os sentidos"
- A 4 de julho de 1972, Maheu apresentou pela primeira vez numa sala de tribunal um relato detalhado do famoso presente de 100 mil dólares para Nixon. Embora houvesse algumas dúvidas a esse respeito anteriormente, Maheu agora afirmavva, de forma inquestionável, que o dinheiro era realmente para Nixon.
- Revelou que a aprovação para a expansão hoteleira de Hughes fora um favor concedido por Nixon, pelo qual este fora pago pelo milionário.
- Contou haver mostrado para um executivo da organização, Ray Holliday, o memorando no qual Hughes mandava que Maheu levasse o suborno de um milhão de dólares a Lyndon Johnson com objetivo de pôr termo aos testes atômicos em Nevada.

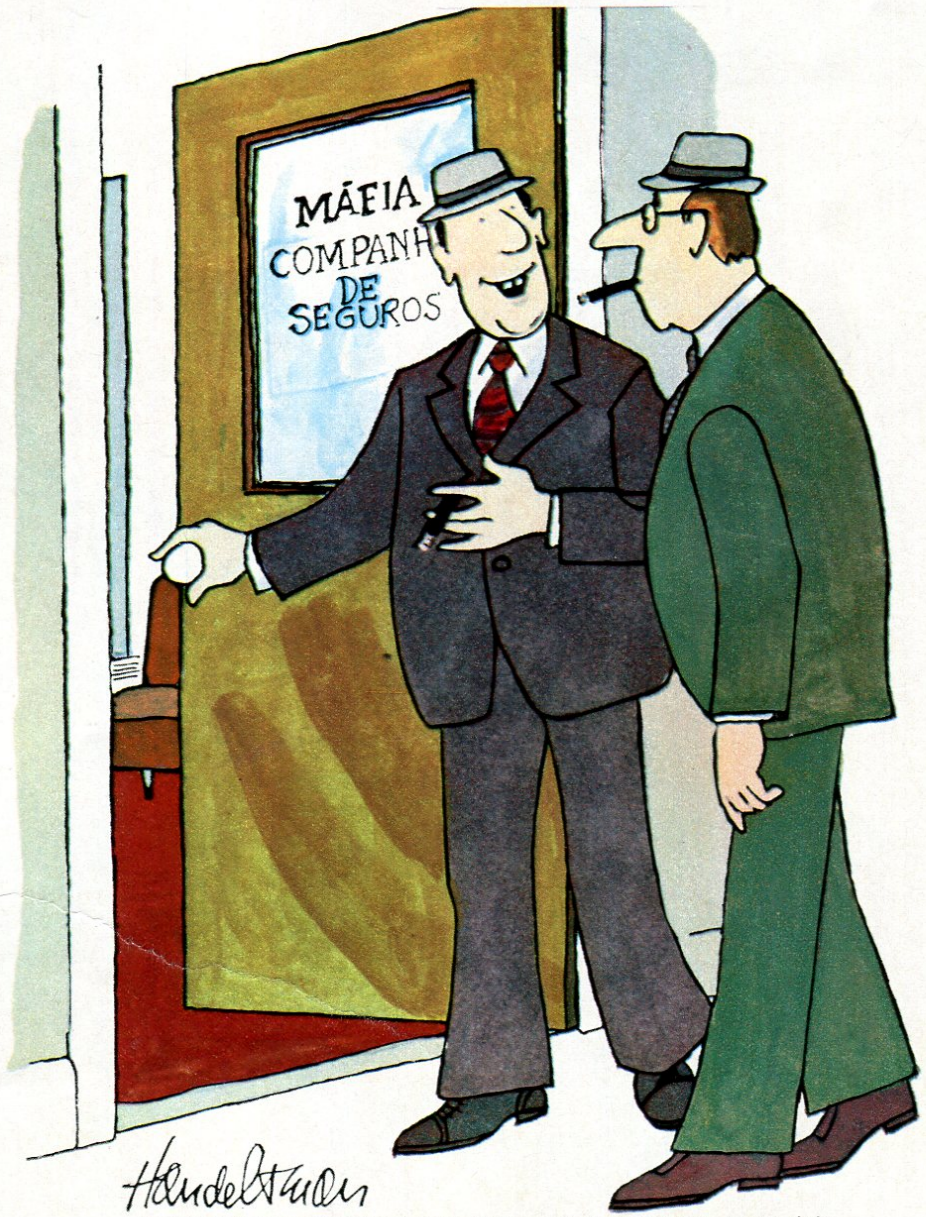
E embora parte dessas revelações tivesse aparecido apenas após a invasão de Watergate, elas dão bem a mostra do tipo de disposição que animava Maheu. Aparentemente ele estava disposto a acabar com a organização, custasse o que custasse.

Em certa medida, porém, Meier representava um perigo ainda maior, especialmente para a Casa Branca. Sua íntima amizade com Donald Nixon sempre causara preocupações ao presidente. E embora Meier e Donald, por diversas vezes, houvessem sido advertidos para que se afastassem um do outro, Don insistia em manter seu contato com as Organizações Hughes, e Meier tinha um trabalho a cumprir. Afinal, entre seus encargos, constavam as delicadas e preciosas negociações com o irmão do presidente.

O Serviço Secreto da Presidência já havia censurado o telefone de Donald por suas notórias ligações com Hughes e, em julho de 1969, fotografou Don na companhia de Meier no aeroporto de Orange Country, do que resultou um furioso telefonema de Rebozo para o descuidado irmão do presidente. Não obstante, Donald persistiu em se encontrar com Meier e desta persistência nasceu uma das mais explosivas colunas de Jack Anderson. Meier preparava-se para almoçar com George Clifford, um investigador a serviço de Anderson, quando Donald Nixon juntou-se a eles para imediatamente começar a se lastimar pelos seus negócios internacionais. Relatando o encontro, numa coluna publicada a 11 de fevereiro de 1972, Anderson escreveu: "De repente ele olhou firme para um executivo das linhas aéreas Air West *(Meier).* 'Como é que eu pego a Air West?' perguntou Donald. 'Afinal, eles me devem essa companhia' "

A história publicada abalou toda a família Nixon. Qualquer menção à transação da Air West já era uma séria ameaça aos planos de reeleição de Richard. Ele não se esquecera dos desastres de 1960 e 1962, causados pela revelação de suas ligações familiares com o Império Hughes. E agora, no começo de 1972, o velho pesadelo voltava a ameaçá-lo, como uma seqüela do golpe interno havido nas Organizações Hughes.

A 3 de fevereiro, o jornal *The New York Times* reavivou a questão ao publicar uma história segundo a qual Hank Greenspun, um editor de Las Vegas, teria um cofre repleto de memorandos de Howard Hughes. Um dia depois, John Mitchell teve um encontro com G. Gordon Liddy, um ex-agente do FBI que agora, por recomendação do deputado conservador Fish, ocupava um cargo no Departamentoo do Tesouro. Liddy saiu desse encontro convencido de que tinha duas tarefas a executar: arrombar o cofre de Greenspun e realizar uma incursão no escritório de O'Brien, no Edifício Watergate. ▬

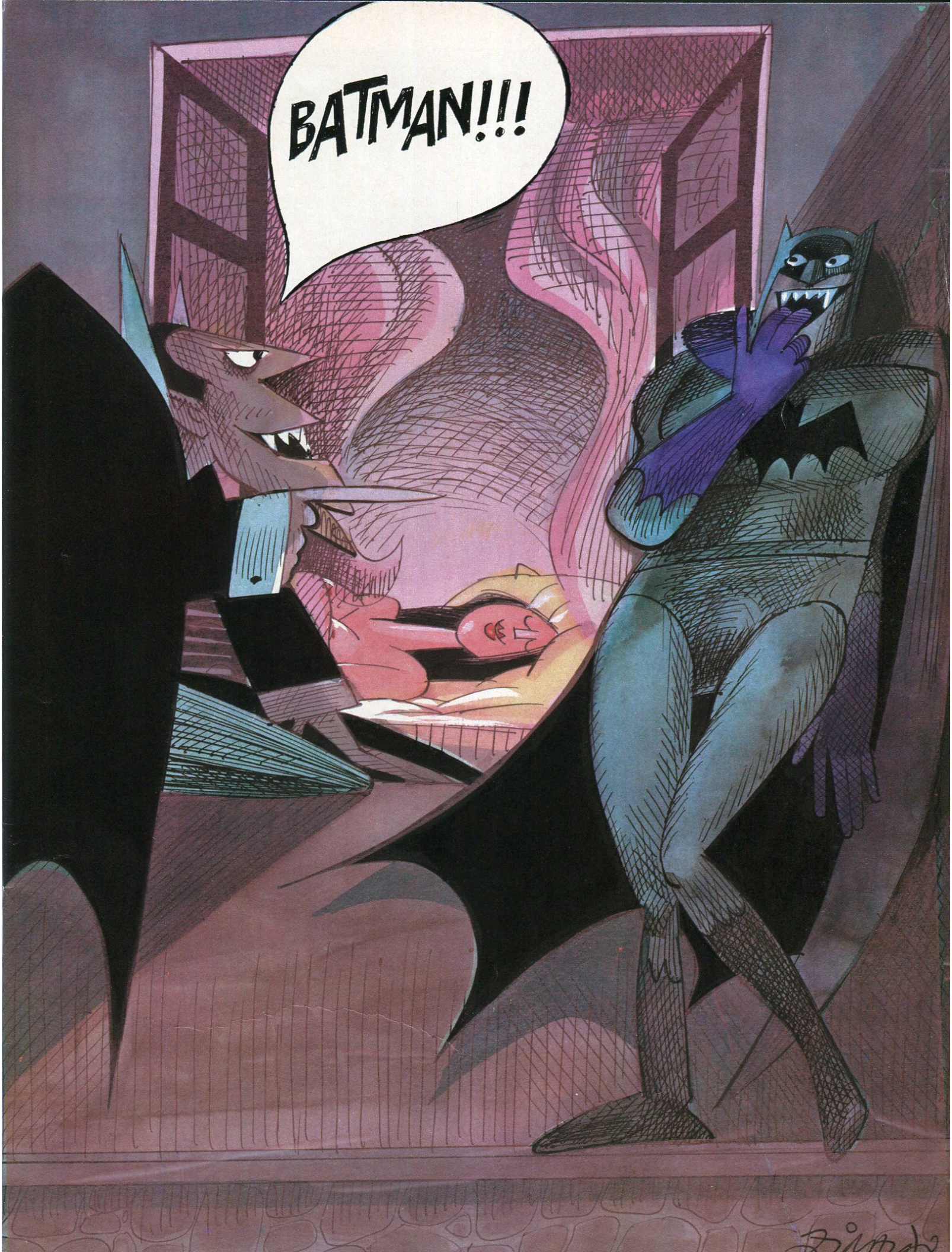


– *Até agora ainda não chiaram por eu estar usando o nome deles. E eu nunca vendi tanta "segurança" na minha vida!*

HUMOR

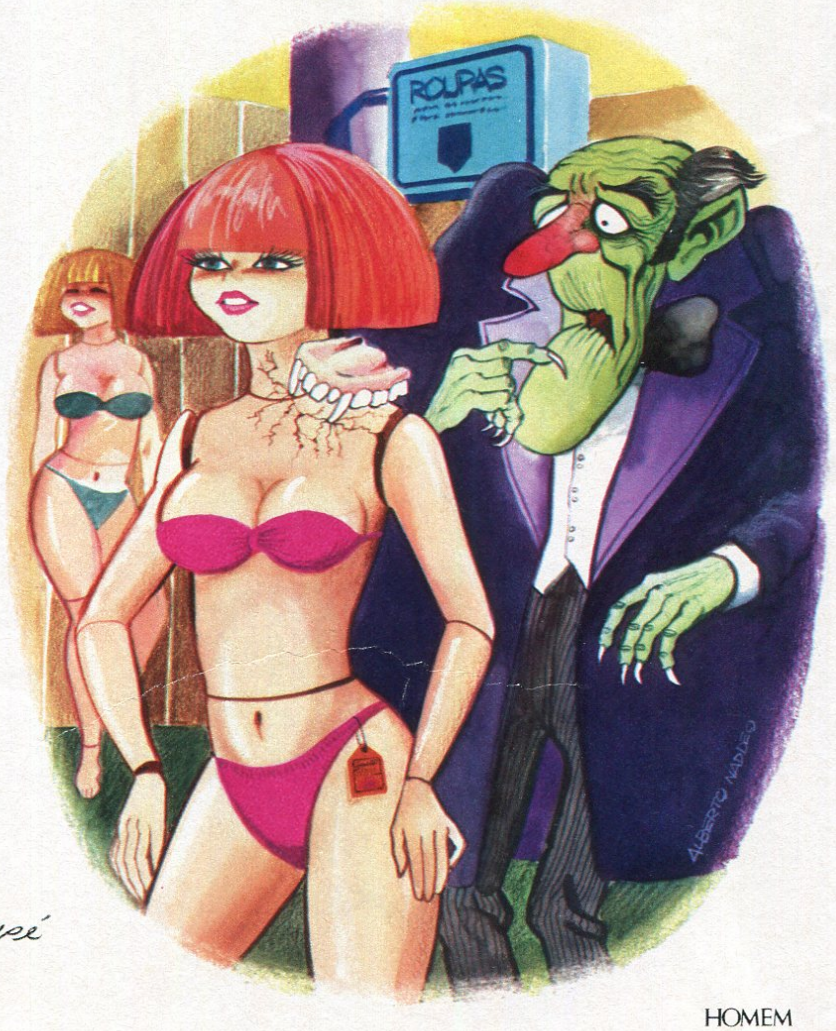
EM HOMENAGEM AOS 500 ANOS DE DRÁCULA

ZIRALDO, ZÉLIO, NADDEO E GEANDRÉ DÃO O SANGUE PARA VOCÊ MORRER DE RIR


BATMAN!!!

DRÁCULA

CUMÉ QUE VOCÊ FAZ PRA' VIRAR MORCEGO?
FÁCIL! DANDO UMA VOLTA ASSIM NA CAPA.
MAIS UMA VOLTA!
OUTRA VOLTINHA SÓ E...
...DESSA VEZ FALHOU!
Jeandré


ROUPAS
ALBERTO NADAL

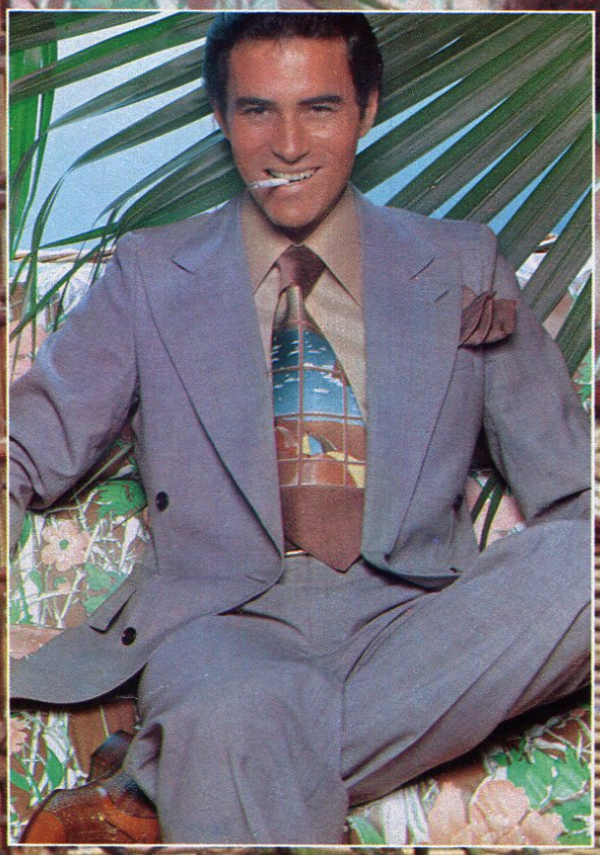
Nada como ser amigo de Old Parr...
Old Parr
BOTTLED IN SCOTLAND
was interred at
Grand
Old Parr
REAL ANTIQUE AND RARE OLD
De Luxe
Scotch Whisky
MACDONALD, GREENLEES LTD.
DISTILLERS EDINBURGH SCOTLAND
75cl GAY LUSSAC 43°
DISTILLED AND BOTTLED IN SCOTLAND
UNDER BRITISH GOVERNMENT
SUPERVISION
Thomas Parr, Aged 152 Years
Westminster Abbey A.D. 1635
o whisky de maior distinção
Madurecido e engarrafado na Escócia por
Macdonald Greenlees Ltd., Destiladores, Edimburgo, Escócia.

MODA

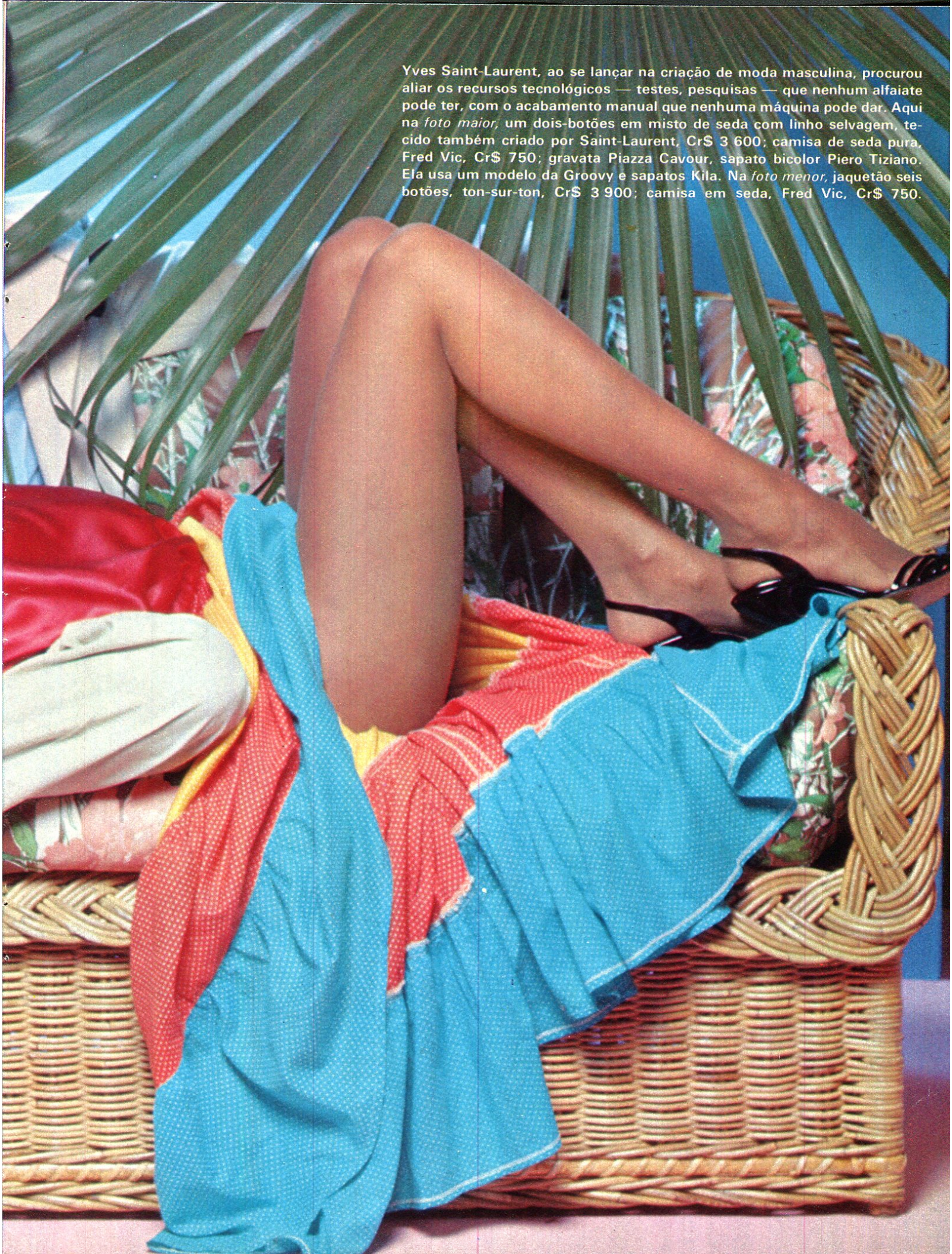
O COMPORTADO SAINT LAURENT

UMA MODA INDUSTRIALIZADA MAS ARTESANAL

FERNANDO DE BARROS

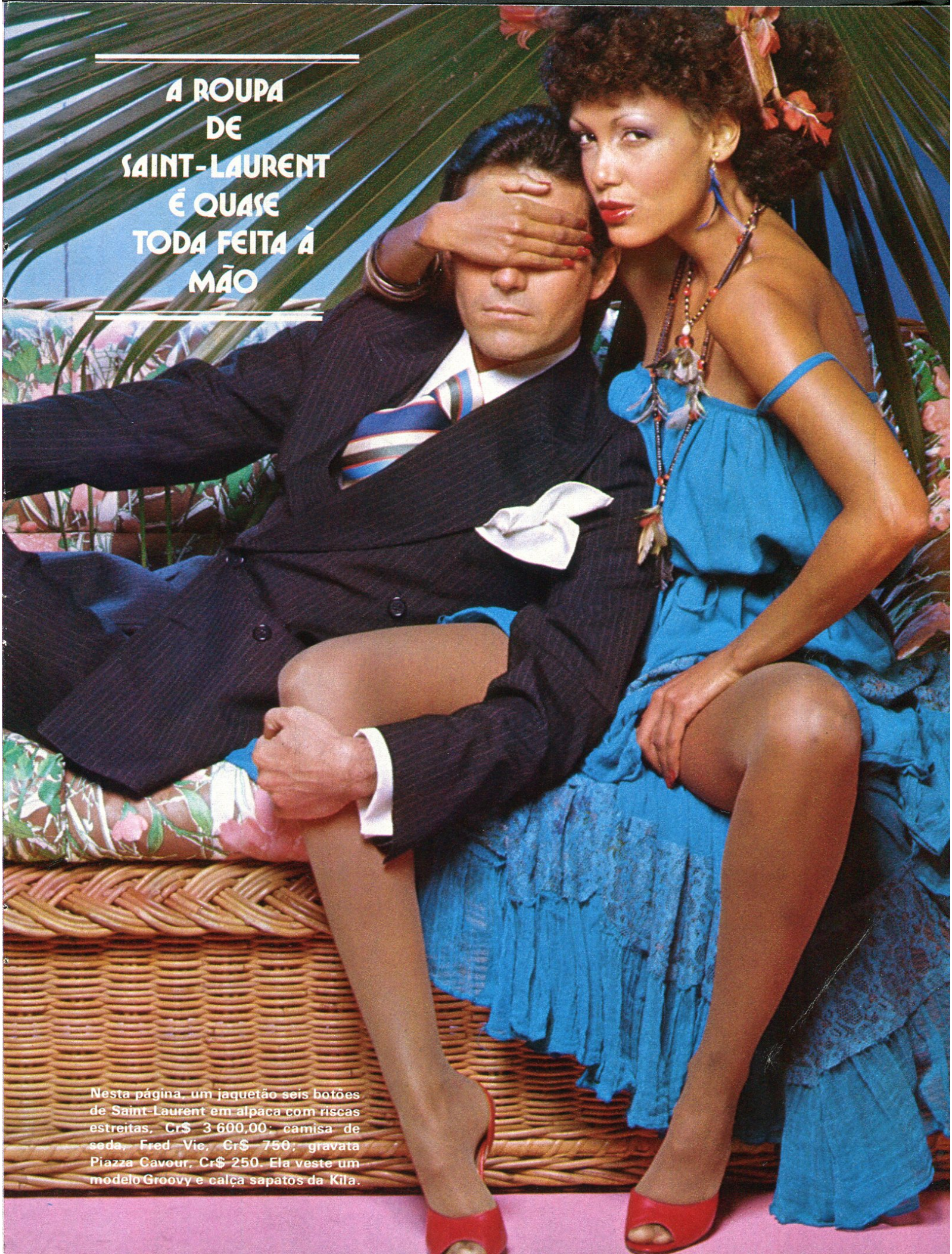


FOTOS / LUIZ TRIPOLI PRODUÇÃO / LOU RANGEL



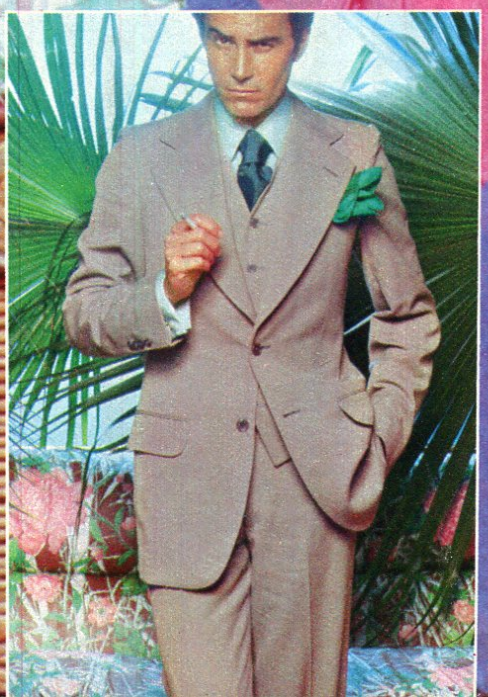
Yves Saint-Laurent, ao se lançar na criação de moda masculina, procurou aliar os recursos tecnológicos — testes, pesquisas — que nenhum alfaiate pode ter, com o acabamento manual que nenhuma máquina pode dar. Aqui na *foto maior,* um dois-botões em misto de seda com linho selvagem, tecido também criado por Saint-Laurent, Cr$ 3 600; camisa de seda pura, Fred Vic, Cr$ 750; gravata Piazza Cavour, sapato bicolor Piero Tiziano. Ela usa um modelo da Groovy e sapatos Kila. Na *foto menor,* jaquetão seis botões, ton-sur-ton, Cr$ 3 900; camisa em seda, Fred Vic, Cr$ 750.

A ROUPA DE SAINT-LAURENT É QUASE TODA FEITA À MÃO



Nesta página, um jaquetão seis botões de Saint-Laurent em alpaca com riscas estreitas, Cr$ 3 600,00; camisa de seda, Fred Vic, Cr$ 750; gravata Piazza Cavour, Cr$ 250. Ela veste um modelo Groovy e calça sapatos da Kila.

O FORTE DESTES TERNOS É A QUALIDADE DE SEU ACABAMENTO



Aqui, um *dois-botões* com colete de Yves Saint-Laurent em gabardine padrão escama-de-peixe, Cr$ 3.900; camisa de seda, Fred Vic, Cr$ 750; gravata André Laurent, sapatos de Piero Tiziano. Ela veste um modelo da Groovy e calça sapatos da Kila. O sofá é da Anselmo Cerello, acessórios e bijuterias de O Bode e Casa do Índio.

Honestamente: o dinheiro que você pagou por aquele carro valeu a pena?

Quando foi a última vez que você encheu o tanque?

E a penúltima? Hoje em dia, se a gente não tomar cuidado, vai ver que o que custa mais não é o carro, mas sim a manutenção. Nós pensamos nisso quando criamos o Maverick 4 cilindros. Você vê e sente nele a economia. De gasolina, de oficina, de manutenção, de tudo.

Você já deu uma olhada na porta do Maverick?

Mas não olhe só a porta, não. Observe a qualidade do material e veja como a Ford não economizou em nada quando construiu este carro. É por isso que em todas as partes do Maverick você nota um cuidadoso trabalho de montagem.

Você se sente seguro dentro do seu carro?

Quem tem família sempre pensa nisso. E pensa em palavras como freios, estabilidade em curvas, direção segura, rapidez de manobras. Dentro de um Maverick, se você fizer estas perguntas, vai ter uma só resposta: este carro vale a pena.

Honestamente, o dinheiro que você investiu naquele carro está correspondendo?

Deve ser por isso que quem tem Maverick está satisfeito. Depois de rodar muito, depois de meses, de muitos quilômetros, ele continua igual. Com suas boas qualidades, cumprindo o que prometeu.

Pergunte a quem tem.

FORD MAVERICK Ford

Um passo à frente

– Ai, querido, quando você me abraça assim, não sei por que, sinto um friozinho me subindo pela espinha.

ILUSTRAÇÃO/ERALDO CARUGATI

ENTREVISTA

AS IRREVERENTES E CONTRADITÓRIAS CONFISSÕES DE

IDI AMIN: POR QUE AMO HITLER E OS JUDEUS

IDI AMIN DADA

No princípio, o mundo inteiro achou graça. Houve os telegramas a Nixon e a lorde Snowdon, e o desfile numa liteira sustentada por quatro homens brancos, durante a reunião de cúpula da Organização da Unidade Africana em Kampala. Nessa ocasião, a revista *Time* chamou-o em duas colunas de "O Perfeito Anfitrião" e a imprensa ocidental abriu espaço diariamente para o que passou a ser conhecido como "a última de Idi Amin"

Agora, ele é "O Tirano de Kampala" para a mesma revista *Time*, e chovem protestos contra suas atitudes que culminaram com o assassinato de uma refém israelense, brutalmente retirada de um leito de hospital em Uganda, após o episódio de Entebbe, em 4 de julho. O mundo não achou a menor graça na "última de Idi Amin"

Nessa entrevista exclusiva — concedida antes do seqüestro do airbus da Air France levado a Uganda —, o repórter americano Jonathan Broder procurou explorar as contradições do marechal-de-campo Idi Amin Dada, presidente de Uganda — não sem uma certa prudência, como ele mesmo afirma, lembrando-se da morte, em circunstâncias misteriosas, de dois jornalistas americanos em Uganda, em 1973. (Broder, aliás, nem sequer tentou aprimorar, ao transcrever, o inglês hesitante e primário de Idi Amin.)

Em matéria de política internacional, Amin continua não fazendo muito sentido, pelo menos de um ponto de vista racional: ao mesmo tempo em que se queixa dos armamentos que as "superpotências" mandam à África, adiante pede mais armas aos Estados Unidos. Admirador confesso de Hitler, ataca os judeus, tratados às vezes, porém, como "meus melhores amigos"

Talvez seja essa mistura de sentimentos que exerça tanta fascinação no público ocidental. É o caso, por exemplo, da normalista carioca Maria Célia Rosa que, entrevistada pelo *Jornal do Brasil* sobre a onda do "black power" suburbano do Rio (edição de 17 de julho), declarou: "Idi Amin é a pessoa que eu mais admiro. Ele curte com a cara dos brancos todos. Gosto também dos judeus. Eles são discriminados como a gente"

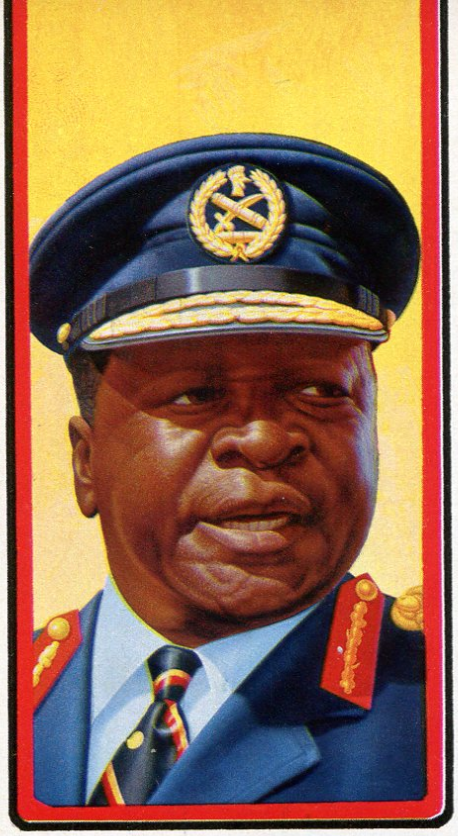
Diante disso, não é certo que a "África estaria muito melhor se ele tivesse sido liquidado em Entebbe" como queria um chefe de governo africano. Talvez — nas palavras de um diplomata "a África fique um pouco mais pobre no dia em que ele se for"

° ° °

Homem — Marechal-de-campo Amin, a imprensa mundial não tem sido muito gentil para com o senhor. Ela o tem chamado de assassino, racista e louco. O que o senhor diz?

Amin — Você sabe, a imprensa mun-

COPYRIGHT © 1976 BY PLAYBOY PUBLICATIONS, INC.



IDI AMIN DADA, *2 metros, 110 quilos ("Eu sou um bulldozer"), não sabe com certeza em que dia nasceu, em 1925, na tribo dos Kakuas, no noroeste de Uganda. Sua mãe, uma feiticeira, logo abandonou o marido para viver com um cabo do Quarto Regimento Real Africano, onde, em 1946, Amin sentou praça como ajudante de cozinheiro. Alegre, sempre disposto a cumprir ordens, com uma certa propensão a cobiçar a mulher alheia (dizem que quando ele era sargento foi obrigado a fugir nu pelas ruas de Kampala depois de uma de suas aventuras) e a gastar acima de seu soldo, Amin teve uma carreira surpreendente, para seu curso primário incompleto e sua predileção por atividades pouco intelectuais (foi campeão de rugby e boxe).*

Em janeiro de 1971, sentindo ameaçada a sua liderança no exército de Uganda, Idi Amin aproveitou uma viagem do presidente Milton Obote para depô-lo, assumir o governo e, de passagem, condecorar-se com duas medalhas da II Guerra por batalhas ocorridas quando ele era apenas um boy *do Hotel Imperial de Kampala. Hoje ocupa, por rotatividade, a presidência da Organização da Unidade Africana (OUA), e se mantém pela força à frente de um país empobrecido e aterrorizado.*

NÃO SOU LOUCO: SOU MUITO INTELIGENTE. SEI EXATAMENTE O QUE ESTOU FAZENDO

dial só quer ouvir quem diz mentiras. E eu digo a verdade. Posso apontar as fraquezas de qualquer país e os defeitos de qualquer líder, o que me torna impopular para certa imprensa. Além disso, também sou capaz de apontar os países, na África e no mundo árabe, que estão no bolso dos imperialistas. E isso deixa furiosas as superpotências, porque posso influenciar qualquer líder africano contra elas, ou para que se torne auto-suficiente como eu. O que não me impede de conseguir ajuda econômica em qualquer parte do mundo. É possível conseguir assistência, mas é preciso ser livre como eu, aqui. Em Uganda você não vê soldados e armas nas ruas **(1).** Você pode me ver dirigindo meu carro **(2),** porque meu povo me ama; eles têm confiança em mim — fique você sabendo disso.

Homem — Mas há notícias de que o senhor liquidou milhares de pessoas e quase destruiu a economia de Uganda.

Amin — Essas notícias sobre mortes em Uganda é tudo mentira. Sou muito popular com o meu povo. Verdade. Algumas pessoas foram mortas em setembro de 1972, mas eram traidores. Queriam derrubar o marechal-de-campo Amin, e invadiram Uganda desde a Tanzânia, seguindo as ordens de Obote, que eu derrubei porque era um corrupto. Minhas forças de segurança mataram trezentas, quatrocentas pessoas, mas guerra é guerra **(3).**

Homem — Há falta de certos gêneros alimentícios em Uganda. A situação econômica não piorou depois que o senhor expulsou as pessoas de origem asiática em 1972?

Amin — Quando cheguei ao poder, Uganda não estava nas mãos dos ugandenses. A indústria não estava nas mãos dos ugandenses. Nem as grandes fazendas. Os funcionários dos ministérios eram asiáticos ou não-cidadãos, e o dinheiro estava em bancos no exterior. Hoje não é mais assim. Estou muito orgulhoso, e me tornei histórico. Continuo melhorando. Você pode ver. Nosso moderno aeroporto internacional foi construído depois que assumi o poder. Há ainda muitas outras coisas. Estou dando força ao desenvolvimento, porque aqui nós servimos o povo, e a maioria da população mora em aldeias, não nas cidades. Construímos hospitais ultramodernos, com salas de operação sofisticadas. Isso não existe em outros países da África. E mesmo agora estou tentando educar o povo na criação de gado e agricultura, para que se tornem bons rancheiros, bons fazendeiros. E temos mais alimentos, fique você sabendo. Estamos trabalhando de acordo com nossos planos de desenvolvimento. Agora o mundo pode ver que o marechal-de-campo Amin não é louco, como diz a imprensa ocidental. Eles pensam que eu sou louco, mas não sou. Sou muito inteligente. Sei exatamente o que estou fazendo. Nós africanos esperamos que as superpotências ajudem o nosso desenvolvimento. O que não queremos é que os Estados Unidos ou a União Soviética entreguem a nenhum país africano armas que possam provocar a morte de pessoas inocentes.

Homem — Isso quer dizer que o senhor está pronto a fazer as pazes com os Estados Unidos?

Amin — Os americanos, no conjunto, são um povo muito bom. Estou lhe dizendo isso porque gosto das pessoas francas. Se você quiser ser meu melhor amigo, seja franco comigo. Se eu estiver fazendo algo errado, você precisa me dizer. Se estiver fazendo algo bom, você também precisa me dizer. Não gosto das pessoas que andam como cobras, atrás das portas. Isso eu não quero. Você sabe, não conheço muito

(1) *Segundo os observadores, soldados e armas é o que não falta nas ruas de Kampala – freqüentemente, aqueles em pior estado do que estas.*

(2) *E, eventualmente, sendo multado por excesso de velocidade, como aconteceu em 1972. Amin ficou radiante com a oportunidade de se mostrar democrático e fez questão de pagar a multa.*

(3) *Não há uma estimativa precisa sobre o número de assassinatos políticos em Uganda desde que Amin assumiu o poder. As acusações variam entre 25 mil e 250 mil pessoas.*

bem Henry Kissinger ou o presidente Ford, porque não posso julgar uma pessoa a tal distância. Sempre gosto de conversar com alguém quando a pessoa está presente, como você agora. Posso julgar se as perguntas que você está me fazendo são muito inteligentes, brilhantes ou não, mas você é um rapaz brilhante.

Homem — Existem ainda áreas de desacordo entre o senhor e os EUA?

Amin — A única área em que eu gostaria de ver uma mudança na política americana é a questão do fornecimento de equipamento militar à África. Dr. Kissinger e o presidente Ford precisam alterar sua política exterior e permitir que a África, o mundo árabe e a Ásia tenham liberdade para adquirir armamentos nos Estados Unidos. Isso vai lhes dar grandes amigos no mundo. Se não conseguirmos armas nos EUA, onde vamos consegui-las? Esse é que é o problema. Os EUA são uma das superpotências. Passaram por uma experiência muito ruim no Sudeste Asiático. O Congresso fez bem em retirar as forças americanas. Hoje você não vê ninguém criticando a política dos EUA no Sudeste Asiático. E se a América retirasse suas tropas da Coréia do Sul, acho que isso deixaria os americanos ainda mais felizes. Não queremos que os soldados americanos sejam mortos em guerras que não são as deles. Eles só devem defender os Estados Unidos. Mas vocês americanos devem ajudar os outros povos a se defenderem sozinhos. E se um país receber armamentos e se preparar para agredir outros, poderá ser condenado na Organização da Unidade Africana (OUA) ou nas Nações Unidas. A maioria dos países, hoje, faz parte da ONU, e é lá que nós todos podemos ir e nos condenarmos uns aos outros. Viu?

Homem — O senhor fala em defesa da soberania, mas é o primeiro presidente da OUA a conclamar a África negra a formar um exército e marchar sobre a África do Sul para libertá-la do governo de minoria branca.

Amin — Quero lhe dizer agora que a União Sul Africana e a Rodésia, se não concederem aos negros o governo majoritário, vão sofrer muito. Falo como presidente da OUA e amigo de todos os movimentos de libertação. Para sua informação e das pessoas que estão lendo a sua revista, quero particularmente afirmar que os grupos de libertação estão muito ativos, treinando em

ALI, NIXON : NINGUÉM ESCAPA

De sua admiração por Hitler a seu desafio a Mohammed Ali, passando pelos conselhos e declarações de amor a várias personalidades mundiais, estas são algumas jóias do pensamento vivo do marechal-de-campo Idi Amin:

Telegrama ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, em setembro de 1972:

"Hitler estava certo com relação aos judeus, porque os israelenses não estão trabalhando no interesse dos povos do mundo, e foi por isso que eles queimaram vivos os israelenses com gás no solo da Alemanha"

Entrevista coletiva em Kampala:

"Tenho 48 anos e 25 filhos de cinco mulheres. Sou muito bom nisso"

Discurso em agosto de 1973:

"Alguns indivíduos de origem asiática, em Uganda, estão se pintando de preto com pomada para calçados. Os asiáticos são nossos irmãos. Se alguém for encontrado se pintando com graxa preta para sapatos, medidas disciplinares serão tomadas contra ele"

A um funcionário do Ministério da Economia de Uganda:

"Não lhe dei permissão para ter um déficit"

Telegrama ao então presidente Nixon, que se queixava da expulsão dos cidadãos de origem asiática de Uganda:

"Meu caro irmão: seria melhor que você procurasse resolver os problemas dos negros americanos, da Indochina ou o caso Watergate. Estou pedindo a Deus que o ajude a desembaraçar-se do escândalo Watergate"

Recomendação ao gabinete, reforçada dez dias depois pela localização do corpo do ministro do Exterior de Uganda, Michele Ondanga, boiando no Nilo:

"Vocês não podem ser fracos como mulheres. Vocês precisam mostrar determinação e fazer com que o povo ame seu presidente, os cidadãos respeitem o governo e o mundo ame Uganda. Vocês não podem ser como o nosso ministro do Exterior, aqui presente, que não fez o mundo amar Uganda suficientemente"

Telegrama ao seu adversário, o presidente Julius Nyerere da Tanzânia, em agosto de 1972:

"Eu o amo muito, e se você fosse mulher, teria pensado em me casar com você, embora sua cabeça esteja cheia de cabelos brancos. Mas, como você é homem, essa possibilidade não pode ser levada em consideração"

Outro telegrama a Nixon, quando o presidente americano teve seu nome sugerido para a concessão do Prêmio Nobel da Paz:

"Gostaria de me congratular com você pela sugestão do seu nome. Entretanto, tenho razões para acreditar que a organização que sugeriu seu nome apenas desejava que você ficasse sabendo da escolha e assim pudesse se recuperar logo do caso Watergate. Meus motivos para adotar esse ponto de vista são de que é profundamente desanimador para os verdadeiros defensores da paz no mundo ouvirem falar nessa escolha. Sou levado à conclusão de que as pessoas que levantaram o seu nome não estavam falando sério"

Telegrama a lorde Snowdon, quando foi anunciada a sua separação da princesa Margareth, da Inglaterra:

"Expresso a minha mais profunda simpatia pela difícil situação que atravessa. Sua experiência matrimonial será uma lição para nós, homens, a fim de estarmos atentos e não nos casarmos com mulheres de alta posição social. Que Deus o abençoe, e muitas felicidades, no momento em que está por iniciar uma nova vida"

Palestra aos estudantes da Universidade Mekerere, em Kampala:

"Fiquei sabendo que há um alto índice de doenças venéreas entre vocês. É melhor vocês irem ao hospital se purificarem, senão irão infectar toda a população. Não quero que a gonorréia estrague vocês"

Entrevista ao repórter Andrew Jaffe:

"Não somos comunistas. Quero que meu povo seja livre. Nos países comunistas, as pessoas não se sentem livres para falar. Há um espião para cada três pessoas. Aqui, ninguém vive com medo. É como as garotas de Uganda, eu lhes digo para serem orgulhosas, não tímidas. Não é bom levar para a cama uma garota tímida – entende o que eu quero dizer"?

À revista *Newsweek:*

"Às vezes as pessoas confundem minha maneira de falar com o que eu penso. Nunca tive qualquer educação formal – nem mesmo um diploma de jardim de infância. Mas às vezes sou mais sabido que um doutor em Filosofia, porque, como militar, sei como agir. Sou um homem de ação. Gosto de ser criticado por vocês, rapazes, porque isso me faz muito popular. Quando sou criticado pelos jornais ocidentais, sinto-me um verdadeiro filho da África"

Sobre o campeão mundial de boxe Mohammed Ali:

"Posso derrotá-lo em seis rounds"

vários lugares do mundo. Hoje em dia é bastante simples para os 47 membros da OUA conceder ajuda militar, financeira e material aos movimentos de libertação no sul da África. Acho que a África do Sul e a Rodésia vão arranjar uma encrenca das grandes.

Homem — Qual a solução para o problema a curto prazo?

Amin — A única solução é um governo majoritário unido. E então muito calmamente os brancos devem ir tratando de voltar para seus países de origem. Mas se eles não desistirem e não permitirem a formação de um governo majoritário no sul da África, haverá um grande problema, porque os africanos negros terão que lutar para tomar o poder. Mesmo agora, há mais de dezessete batalhões completos de soldados negros de libertação, que foram muito bem treinados em guerrilha na África, no mundo árabe e em outras partes da Ásia. Uma confrontação será um desastre para a minoria branca.

Homem Não o incomoda o fato de que os governos majoritários negros na África acabem em ditaduras civis ou militares?

Amin — Na África, o único salvador do povo é o governo militar. Os líderes civis tornam-se corruptos. Quando o exército percebe que eles se corromperam, assume o poder. Metade da África hoje, talvez três quartos, está sob governo militar. Isso ocorre porque os militares desejam salvar o povo da falência e do caos econômico. Isso é a África. Mas se o exército percebe que um país está sendo controlado por uma superpotência — não vou mencionar nomes — eles podem derrubar o líder do país, porque a política da África é a de ser neutra e amistosa, como eu em Uganda. Nós não somos contra ninguém. Mas assim que você se coloca ao lado de uma das superpotências — não quero mencionar nomes — você se torna uma vítima do imperialismo. E o imperialismo não é só americano, fique você sabendo. Mesmo "uma outra" superpotência é imperialista. Eu só queria lhe dizer isso. Você quer que eu fale mais claro? Posso ser mais claro, mas acho que você mesmo pode adivinhar. Os americanos não são os únicos imperialistas.

Homem — Por que não podemos falar abertamente sobre suas dificuldades com a União Soviética? Em uma semana, Moscou cortou relações com Kampala, e na seguinte restabeleceu-as. Mas a maior parte dos técnicos soviéticos ainda não voltou.

Amin — Você precisa entender que Uganda não é um país comunista. Fico satisfeito de que esse problema particular com a União Soviética tenha surgido, porque agora a Europa Ocidental

MOSHE DAYAN É MEU AMIGO. ANDÁVAMOS JUNTOS ATRÁS DAS MULHERES EM TELAVIVE

e os Estados Unidos podem conhecer a verdade. Antes, eles pensavam que eu era comunista. Mas não, eu simplesmente sou muito amistoso para com todos os países do mundo, e não sou comunista. Na verdade, prefiro a cultura africana.

Homem — Como estão suas relações com Moscou?

Amin — A União Soviética suspendeu suas relações com Uganda; Uganda não fez isso para com a União Soviética. E foram eles que restabeleceram relações. Nós não fechamos nossa Embaixada. Mas eu não queria o embaixador soviético Andrei Zakharov em Uganda, porque ele interferia muito nos assuntos internos do meu país. Foi isso que eu disse a ele. Eu lhe disse que a URSS não pode dar ordens ao marechal-de-campo Amin, e que eu desejava ser apenas amigo da URSS. Esta é a minha decisão. Não estou no bolso da URSS. Não sou como outros países africanos, que recebem ordens deles. Quando o chanceler do Zaire, Mandungu Bulanyati, estava sendo entrevistado na TV, fez afirmações pesadas contra a URSS — baseadas na verdade. O embaixador Zakharov, com dois assessores, foi à direção da emissora e os três tentaram remover o chanceler do Zaire. É verdade. Eles também queriam que nós não transmitíssemos a gravação do programa. Isso me deixou muito irritado, muito zangado. Coloquei o exército inteiro de prontidão. Na verdade, aquilo bastou para que eu resolvesse mandar embora o embaixador soviético em Uganda. Os russos cometeram um erro muito grave, e essa é a primeira vez que eu estou contando essa história. Quando vi o que os soviéticos estavam fazendo, fiquei muito desconfiado, e assim alertei nossas forças de segurança para que guardassem todas as instalações militares e governamentais, inclusive o aeroporto, se os soviéticos são capazes de tentar essas coisas, talvez pudessem até seqüestrar as pessoas. Essa é que é a verdade. A sala de redação de rádio e TV no prédio da Uganda Broadcasting Corporation é um lugar confidencial, secreto. Para ir lá, você precisa primeiro conseguir permissão do ministro de Informação ou das Relações Exteriores, ou do presidente, que sou eu, marechal-de-campo Idi Amin. Nós nem mesmo permitimos a entrada de ministros ou membros das Forças Armadas, mas esse embaixador Zakharov, ele entrou. E por causa do seu comportamento eu o mandei embora de Uganda. Até agora, nem mesmo a URSS tinha conhecimento de que esta havia sido a razão de sua expulsão, sabia? Acho que muita gente pensava que o embaixador soviético era meu vice-presidente, mas não era.

Homem — A URSS não é o único país com o qual o senhor cortou e restabeleceu relações. Muitas vezes foi dito que o senhor está em contato particular com o antigo ministro da Defesa de Israel, Moshe Dayan, mas no seu discurso diante da Assembléia Geral da ONU o senhor pediu a extinção de Israel e acusou os judeus de controlar a CIA e a política externa dos EUA. Qual, exatamente, é a sua posição a respeito de Israel?

Amin — Essa é uma pergunta muito perigosa, mas fácil de responder. Primeiro, eu amo demais os judeus. Muitos deles são meus melhores amigos. O general Dayan, ele é meu melhor amigo. Juntos andávamos atrás de mulheres judias em Telavive. O coronel Boka Bar-Lev **(4)**, ex-adido militar de Israel em Uganda, e o major Danny Shapiro, um piloto de jatos que esteve em Uganda, são ainda grandes amigos meus. Você sabe, durante a guerra em outubro de 1973, andei procurando por Dayan, Bar-Lev e Shapiro num campo de prisioneiros de guerra na Síria. É verdade: eu estava procurando por eles. Quero lhe assegurar que muitos judeus, em Telavive, Jerusalém, Haifa, Jaffa, nos Estados Unidos e no mundo in-

(4) *O relacionamento de Amin com o coronel Boka Bar-Lev chega a ser triste, diante das humilhações que ele sofreu nas mãos dos israelenses. Durante o seqüestro de julho último, Bar-Lev, que já sabia que os israelenses estavam a caminho, falou com Amin ao telefone durante vários minutos. Três horas depois, quando o ataque já tinha ocorrido, Amin telefonou para Telavive, amargurado: "Veja o que seu povo acaba de me fazer." O coronel procurou consolá-lo: "Big Daddy, sua mãe lhe dizia que você deve amar e honrar os israelenses, porque são um povo sagrado, porque eles são o 'povo do livro', lembra-se?" Com isso, Amim se acalmou e quando Bar-Lev falou que sua mulher queria ouvi-lo, concordou alegremente. Depois, se despediu: "Meus melhores votos à senhora, a seu marido e ao povo israelense"*

teiro, são amigos meus e pessoas muito boas. Eles não querem guerra. Eles querem a paz. Eles querem mais indústria. Querem educar suas crianças. Querem comprar mais gado, em vez de tanques. Eles querem comprar mais Boeings em vez dos Phantoms que matam inocentes. Mas a política sionista de expandir suas fronteiras e tomar terras dos árabes, esta é uma política que condenamos completamente, sejam ou não meus amigos os sujos israelenses. Enquanto seguirem essa política sionista, serei contra eles. Mas não sou contra os judeus. Considero os judeus filhos de Deus, como nós. Gosto muito deles. Mas eles precisam parar de matar árabes e concordar em voltar para a Palestina e viver juntos, como me disse Yasser Arafat. Eu aceito isso. Qualquer um deles, mesmo que esteja numa alta posição no governo, pode se tornar meu melhor amigo e vir me visitar aqui em Uganda. Eles são bem-vindos, porque eu quero paz no mundo. Esta é a minha mensagem aos judeus. Divulgue essa mensagem do marechal-de-campo Amin.

Homem — Então é por amor aos judeus que o senhor ainda usa insígnias de pára-quedista israelense no seu uniforme?

Amin — Eu uso as asas de pára-quedista, mas são insígnias de pára-quedista de Uganda. Acho que vou dá-las a você. No escudo de armas há a inscrição POR DEUS E MEU PAÍS. Eu tenho essas aqui. Não é um truque. Meu cérebro funciona cem anos adiante.

Homem — Em outras palavras, o senhor não usa insígnias israelenses.

Amin — Não, as insígnias que uso são insígnias de Uganda **(5)**.

Homem — Marechal-de-campo Amin, as pessoas dizem que o senhor afirma receber freqüentemente instruções divinas. Foi Deus quem o ordenou tomar o poder em Uganda?

Amin — Sim, falando sinceramente. Meus colegas soldados costumavam me chamar de marechal-de-campo e comandante, quando eu era apenas um soldado ou cabo. Sabia que um dia ainda seria presidente.

Homem — Como, ficou sabendo?

Amin — Tive um sonho. É verdade que aconteceu. Foi-me dito por Deus num sonho, e eu acordei e contei com franqueza às pessoas. E também fiquei sabendo o que iria acontecer em tal e tal época. Foi Deus que me deu esse sonho, baseado na verdade.

Homem — Que outras coisas Deus lhe contou?

Amin — Ele me disse quando morrerei. E também como e onde vou morrer, e como me encontrarão morto.

Homem — Isso é segredo?

Amin — Sim, é confidencial. Porque não quero preocupar minha família.

Homem — O senhor tem freqüentemente esses sonhos proféticos?

Amin — Não muito. Só quando necessário.

Homem — Há alguma coisa que o senhor possa nos contar sobre o futuro?

Amin — Se você é um militar e se deixa corromper, pode ser derrubado. Compreende? Até mesmo eu. Posso ser derrubado, se me tornar corrupto. Quero deixar isso bem claro para você. Mas sou muito popular, não só com os civis mas também com o exército e outras forças de segurança. Pode ser que, como chefe de Estado, encontre pouca oposição porque as pessoas sabem que poderiam ocorrer mal-entendidos. Mas o país inteiro é muito amistoso para comigo, e é por isso que eu ando livre junto com o povo. Você sabe, não sou milionário. Quando vou à Líbia ou a outro lugar, eles me dão milhões de dólares. Esse dinheiro eu dou ao meu ministro das Finanças. E nem mesmo me hospedo em lugares maravilhosos, como fazem outras pessoas. E nunca me tornarei corrupto, fique você sabendo. O marechal-de-campo Amin é uma pessoa muito simples, sim. E acho que isso é tudo.

(5) *Essa é também uma história controvertida. Segundo fontes de Israel, onde Amin recebeu algum treinamento militar, seus instrutores lhe deram a insígnia como um gesto de piedade: Amin sofreria de gota, e seria incapaz de pular de uma cadeira.*

– Ultimamente, nós temos recebido na Cruz Vermelha várias denúncias de que os seus prisioneiros não estão recebendo um tratamento de acordo com a Convenção de Genebra.

clara

Quem sabe da história de um povo simples, que sempre entendeu as coisas simples, sabe do canto unido e dos primeiros gemidos, brasileiros.
Sabe da soma de maracás, flautas indígenas, atabaques africanos, de lamentos tristes e da alegria de um samba.
E também da Música Popular Brasileira.
E aí, Clara veio ao povo. Com a mesma simplicidade do povo. Com toda a força do artista.
Com todo o sentimento da intérprete.
E nossa gente sempre cantou com ela.
Agora, veio Clara novamente com um disco.
Um círculo preto encantado e falante que poderá, no ímpeto de sua alegria, fazer você sorrir ou até mesmo dançar.
Clara. Canto das três raças.
Prá você sentir, gostar e cantar com ela.

EMI ODEON

EM LP E K-7

Tudo na vida é questão de saber escolher.
Tenho reparado que a maioria das pessoas acredita que bom gosto seja resultado de fortunas.
Não concordo.
O importante é a sensibilidade para saber escolher - e isso nada no mundo pode comprar.
Em casa, no escritório, na minha fazenda, eu sempre procurei me cercar de coisas de bom gosto.
Isso me dá tanto prazer quanto abrir o maço elegante de du Maurier 120's, acender um e sentir seu suave sabor.
Eu sempre tenho a sensação de que ele foi criado exclusivamente para mim.
WORLD ARCHITECTU
du Maurier
120's
du M
Reconhecido como o mais requintado em cigarros.
Qualidade Souza Cruz

1980: In 2025 we will have flying cars!

2025: